

Borboletando...
em casa também se aprende!
ENTRE AS FLORES DA PRÁTICA EDUCATIVA
EXTENSIONISTA



Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira
Marilde Chaves dos Santos

Ministério da Educação (MEC)
Universidade Aberta do Brasil (UAB)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD)



Borboletando...
em casa também se aprende!
ENTRE AS FLORES DA PRÁTICA EDUCATIVA
EXTENSIONISTA

Organizadoras
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira
Marilde Chaves dos Santos

2024

Diagramação e Capa:
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Revisão: Os Autores

Comitê Científico:
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos - UFPI
Marilde Chaves dos Santos - UFPI
Lívia Fernanda Nery da Silva – CEAD/UFPI
Jennyane Vasconcelos Ramos de Moura Rufino
Teresinha de Jesus A. Magalhães Nogueira - UFPI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borboletando-- em casa também se aprende! : entre
as flores da prática educativa extensionista /
organização Sandra Lima de Vasconcelos Ramos,
Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira,
Marilde Chaves dos Santos. -- 1. ed. --
Teresina, PI : Ed. Acervo, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-02501-8

1. Contação de histórias 2. Educação - Tecnologia
3. Metodologia de pesquisa científica 4. Mídias
digitais 5. Pesquisa científica 6. Projeto de
extensão - Trabalho pedagógico I. Ramos, Sandra
Lima de Vasconcelos. II. Nogueira, Teresinha de
Jesus Araújo Magalhães. III. Santos, Marilde Chaves
dos.

24-207029

CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:

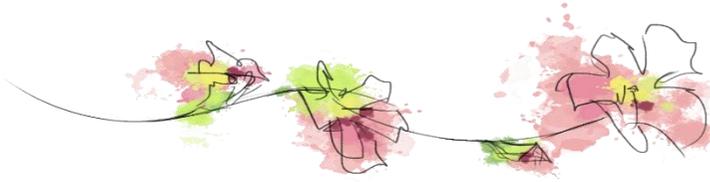
1. Pesquisa científica : Metodologia 001.42

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Prefácio.....	06
Música Borboletando.....	08
Partitura Música Borboletando.....	09
Educação e contação de histórias: uma prática exitosa.....	10
Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira	
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos	
Juliana Veras de Sousa	
Maria Neuman Gomes	
Márcia Rayane Alves Carvalho	
Francisca Cibele da Silva Gomes	
Regiswânia Seillane Rodrigues de Sousa	
Projeto “Borboletando...”, educação e as mídias digitais.....	42
Irlaine Cutrim Helal Cavalcante	
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos	
Pablo Henricky Moura Rufino	
Borboletando: a tecnologia como ferramenta de ações de extensão.....	52
Marilde Chaves dos Santos	
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos	
Tamires de Sousa Abreu	
Nataly Emanuely Pereira de Moura	
Ana Carla Borges Amorim Azevedo	
Doeslandia Kassia Pereira Cardoso	
Papel da música no projeto “Borboletando... em casa também se aprende!”.....	62
Jennyane Vasconcelos de Moura Rufino	
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos	
Deuselena Campos da Rocha	
Raimunda Alcina Pereira da Silva	

“Borboletando... em casa também se aprende!”: em busca de incluir a todos.....	74
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos	
Leila Maria Sores Paz Santos	
Sobre os autores.....	84
Agradecimentos.....	88
Xilogravura Borboletando.....	90



Prefácio

O livro “Borboletando... em casa também se aprende! entre as flores da prática educativa extensionista” chega às minhas mãos como uma rosa de colorido raro que perfuma as práticas educativas. Rosa essa que brota num solo muito fértil, entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Uma obra que registra reflexões riquíssimas sobre a contação de histórias e de suas contribuições para os processos de ensino e aprendizagem, sobre o uso de mídias digitais dialogando com as artes visuais e a música; sobre a importância de manifestações culturais como a literatura de cordel e a poesia, e sobre como, tudo isso, misturado, pode proporcionar descobertas inigualáveis no contexto da formação de professores em Pedagogia.

Resultado da produção científica de doutores, mestres, especialistas, professores do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e professores em formação, os leitores poderão “borboletar” num gigantesco jardim de possibilidades lúdicas e aventuras.

Acreditamos que, como primeiro filho nascido nessa incubadora pedagógica, essa obra encontrou no Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial Continuada de Professores e Diretores Escolares (PRIL) da Universidade Federal do Piauí, seu berço seguro e perene.

Filho que tem como pais a equipe do Projeto de Extensão “Borboletando... em casa também se aprende!”, que conta com

1,17 mil inscritos em seu canal do *YouTube*, completando, em 2024, quatro anos de existência.

Nos alegra saber que os alunos do PRIL de Pedagogia de Teresina participam de um projeto tão relevante, que exercita práticas de autêntica inclusão social, ouvindo as demandas da comunidade e trazendo uma educação lúdica e criativa para crianças e adultos de todas as idades.

Prof.^a Dr.^a Livia Fernanda Nery da Silva
Diretora do Centro de Educação Aberta e a Distância de UFPI

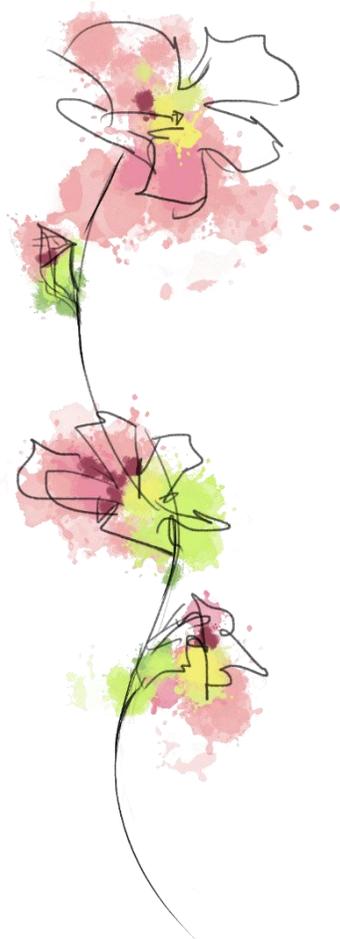
Borboletando



Música: Jennyane

Rufino

Letra: Sandra Ramos



Sou uma criança alegre e sorridente
Brincando no jardim
Eu corro livremente
Pereço uma lagartinha
Esperta e curiosa
Andando entre as flores
Pulando entre as rosas

Chegou então a hora
De entrar no meu casulo
Crescendo na escola
Um espaço seguro
Eu não posso sair
Não posso ir brincar lá fora
O mundo é perigoso pra mim agora

Eu era lagartinha
Agora sou casulo
Mas ao raiar o dia
Já não havia escuro
Chegaram professores
Contando historinhas
E pude ver o mundo... Além dos altos
muros!

Porque eu conheci
o borboletando em casa
Ouvindo as historinhas, eu criei asas!

Partitura

Ebnezer Maurilio Nogueira da Silva

SOU UMA CRIANÇA

F F D

sou u-ma cri-an-ça a - le-gre,e-so - rri-den - te brin-can-do no-jar-dim eu

4 F F F

co - rro li - vre mente Eu sou uma la - gar - ti - nha es - per-ta-cu - ri - o sa eu

D

7 B \flat F A

an-do en-tre,as flores brin-can-do en-tre,as rosas mas Um vi - rus mal - vado

10 A B \flat F

o mun-do,a do-e - ceu entrou nas nossas es-colas e,a to-dos nós pren-deu não

13 F F F D F D

po- sso mais sa - ir não po- sso mais brin- car lá fora não po- sso a- bra-çar nin -

16 F F G G F F

guem a - go - ra eu e- ra la- gar- ti- nha a go- ra sou ca- su- lo pre-

21 F F D F F G

si- nha no meu qua- to pre - si- nhs no es- cu - ro en- tão eu co- nhe- ci O, bor-

25 F F D F F F

bo- le - tan- doém ca - sa ou - vin- doás his - to - rinhas eu - cri- ei a - sas, en-

28

tão eu co- nhe- ci bor - bo- le- tan- doém ca- sa, ou vin- doás his- to- ri- nhas eu cri- ei a- sas



Educação e contação de histórias: uma prática exitosa

Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Juliana Veras de Sousa
Maria Neuman Gomes
Márcia Rayane Alves Carvalho
Francisca Cibele da Silva Gomes
Regiswânia Seillane Rodrigues de Sousa

1 Introdução

Ao se pesquisar sobre educação e contação de história é relevante conhecer o que se considera ser a educação. Nesse sentido, busca-se, uma reflexão fundamentada em teóricos e legislações que tratam desse assunto, a partir do contexto em que o Brasil se encontra.

Destaca-se, nesta introdução, a concepção de educação na Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 205 afirma ser a educação um direito de todos, como um “[...] dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

No entanto, a educação tem uma trajetória em seus conceitos, pois nem sempre foi um dever do Estado, sendo desenvolvida inicialmente na família. Portanto, a Constituição de 1988 estabelece a garantia da educação como direito de todos, responsabiliza/obriga o Estado/poder público ofertar o serviço educacional de qualidade.

A família é a principal responsável na tarefa de educar seus filhos, em relação aos valores, princípios e crenças. Desta forma a escola precisa respeitar esses princípios construídos na família, em relação a sua espiritualidade, sexualidade, entre outros, sem imposições e induções a novos comportamentos fora da proposta de um ensino e aprendizagem de qualidade. Essa responsabilidade vem anterior a Constituição de 1988.

Na Constituição Federal de 1946 (Artigo, 149) era responsabilidade da família "ministrar" a educação. Bem como na Constituição de 1937, em seu artigo 128, e na de 1969 artigo 176 a educação se constituía em uma atividade "dada no lar".

Este estudo trata da corresponsabilidade entre família e instituição educativa/escolar reconhecendo a família como primeira instituição responsável por educar seus pares. Nesse contexto de reconhecimento da fundamental importância dessa intrínseca relação destaca-se o **Projeto Borboletando... em casa também se aprende**, desenvolvido pela Prof^a Sandra Lima de Vasconcelos Ramos, da UFPI, no momento de pandemia em que se encontrava o Brasil e o mundo, e que posteriormente foi incorporado pela Coordenação do CEAD/UFPI, por professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e de forma específica pelo **Programa Institucional de Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial Continuada de Professores e Diretores Escolares (PRIL)**. O Programa tem por objetivo promover a oferta de cursos de licenciaturas e de formação continuada, num formato inovador, com a finalidade de atender às necessidades e a atual política curricular da educação básica e da formação de professores e diretores escolares.

O **Projeto Borboletando... em casa também se aprende**, além de ser inovador, teve um propósito social e educativo no momento em que as crianças estavam impossibilitadas de ir para a escola. Portanto, este estudo pretende divulgar e promover reflexões, aprofundamento da pesquisa em relação às temáticas propostas neste capítulo e em todos os demais desenvolvido neste livro elaborado por professores e alunos que de certa forma participaram do Projeto.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa fundamentada em Minayo (2001), com base no método de

histórias de vida que seguiram as especificações de Pujadas (1992, p. 14), utilizando as quatro etapas descritas pelo autor, sendo estas: a) etapa inicial; b) registro, transcrição e elaboração das histórias de vida; c) análise e interpretação; d) apresentação e publicação. Realizou-se uma análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2011).

Este texto apresenta a seguinte estrutura: esta introdução; considerações sobre a educação no Brasil e a Pandemia; contação de histórias: construindo narrativas autobiográficas; o projeto Borboletando: desenvolvendo práticas exitosas; considerações finais e referências.

Considerações sobre a educação no Brasil e a Pandemia

A partir de uma análise das Constituições do Brasil pode-se dizer que a educação historicamente não vem sendo uma prioridade nacional. Os reflexos desta situação perduram até o momento e essa fragilidade da educação se comprova nos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), realizado a cada três anos. O Pisa tem o objetivo de gerar indicadores que possam contribuir para a discussão da qualidade da educação, observada nos países que participam desse programa. Destaca-se que “em 2018, o Brasil ficou em posições consideradas preocupantes no ranking do Pisa” (Pisa, 2023, p. 1).

Pode-se compreender a importância da educação na citação da Prof^a. Inez Borges (2017, p. 10) ao afirmar ser “fundamental não esquecer que a liberdade de pensamento é preservada somente por meio da educação que capacita para a busca individual por mais conhecimento”. É consenso de que se precisa buscar uma educação integral do ser humano. A Constituição Federativa do Brasil de 1988 garante essa liberdade de pensamento, citada pela autora, e de expressão do pensamento.

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar,

o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; **VI** - e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Apresenta-se, também, as ideias da autora em relação a se buscar “A Educação para a Integridade [que] terá como referencial esta visão de ser humano como ser único, integrado, íntegro”. Neste sentido, a “Educação para a Integridade” terá como referencial:

[...] a concepção de que o ser humano é uma totalidade na qual coexistem as dimensões física, intelectual, moral, espiritual, artística, econômica e afetiva. Sendo assim, a educação de qualquer uma dessas dimensões produz consequências nas demais, pois afeta o ser humano por inteiro. Considerar apenas uma das dimensões durante o processo de educação é uma ilusão, pois a negligência de uma das dimensões é negligência

com a pessoa toda e resulta em falha no desenvolvimento da pessoa toda (Borges, 2017, p.

Com essa visão de integridade, busca-se uma análise em relação ao período de pandemia de Covid 19, apresentando-se como um momento de grandes desafios para professores, alunos e pais. O problema de isolamento social e o afastamento das crianças do processo de ensino e aprendizagem presencial afetou diretamente a educação formal.

Neste terceiro milênio, tem-se observado como maior desafio educacional a prática educativa do professor, ou seja, o como educar e educar-se, por meio de um ensino e aprendizagem inovadores e significativos, considerando os diferentes contextos educacionais e sociais oriundos das transformações científicas e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas.

Assim, nesse momento em que a globalização buscava uma ressignificação do processo educativo, tem-se uma situação em que o isolamento social exige a aplicação de novos cenários para se ensinar e aprender, surgindo uma única alternativa a Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC).

Prensky (2018, p. 1) afirma que nesse contexto histórico, vem apresentando a necessidade de que as pessoas (crianças, jovens e estudantes em geral) fossem educadas de forma que atendessem esse futuro iminente, do uso das TDICs possibilitando uma mudança civilizatória na educação.

O uso da TDIC por si só não se constitui no único ou mais importante desafio da educação sendo “[...] ensinar e aprender [...] os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e, particularmente agora, [...]”. Assim, houve um avanço, mais ainda é necessário “adaptar os programas previstos às necessidades dos estudantes, possibilitando conexões com o cotidiano, com o inesperado [...]”. (Moran, 2000, p. 137).

Outros grandes desafios são elencados no livro “Educação para a integridade” de Inez Borges (2017, p. 13):

Como educar com base em princípios racionais, morais e relacionais ou espirituais, no contexto do relativismo característico do mundo pós-

moderno? Seria possível aplicar princípios na prática educativa da rede pública de ensino, considerando o dogmatismo da visão materialista reinante nos sistemas educacionais do Brasil e do mundo [...] como superar a hegemonia dos sistemas apostilados que subestimam a capacidade racional e criativa do professor, minando também sua autoridade?

Considerando-se essa premissa, compreende-se que a ideia não é só inovar por inovar, mas que a inovação educacional procura a racionalidade científica, a manutenção da moralidade e da ética no sentido de que há princípios fundamentais para a manutenção do bem comum, da importância dos valores transmitidos pela família e de sua fundamental importância. O respeito pelo ser humano em seus direitos universais, conforme citado anteriormente “Art. 5º” da Constituição do Brasil, é fundamental para a educação formal e não formal. No entanto, concorda-se que:

[...] a educação não deve ter como meta prioritária a formação do adulto útil para o Estado. Muito pelo contrário, a educação tem a ver com o desenvolvimento pleno das características humanas em cada idade e com o fato de ser útil, primeiramente, a si mesmo e à família, depois em relação às esferas de sua influência, as quais se ampliam da família para a comunidade local e desta para o contexto social mais amplo, podendo chegar ao nível nacional e mundial. (Borges, 2017, p. 27).

Dessa forma, o indivíduo bem-educado prioriza as relações buscando o bem comum, deixando sua marca positiva na história. A educação deve priorizar a realização do ‘ser humano’ respeitando sua singularidade, com significado e propósito definidos e distintos, mas que, reconhece sua responsabilidade e seu necessário papel social para a realização de outros seres, bem

como reconhecem a importância dos outros para a sua realização. (Borges, 2017).

Pode-se dizer que a educação é um processo pelo qual se visa o desenvolvimento integral da pessoa para que ela possa posteriormente exercer a cidadania e se qualificar para o trabalho. Esse processo educativo tem início na família e se estende durante todo o período de escolarização, desde criança, como um direito social. Marshall (2002, p. 20), em relação à educação das crianças, afirmava que ela está diretamente relacionada com a cidadania que uma sociedade desejava e conquistava. Para tanto é necessário que o Estado garanta que todas as crianças sejam educadas, apresente um ensino e aprendizagem de qualidade, pois, dessa forma poderá ser garantido, ao menos, o cumprimento e as exigências necessárias para a formação de um cidadão, conseqüentemente para a construção da cidadania. Autores como Carvalho (2004, 2002), entre outros, apresentam os conceitos e a construção da cidadania. Nesse sentido,

[...] o direito à educação é um direito social de cidadania genuíno porque o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente, deveria ser considerado não como o direito da criança freqüentar a escola, mas como direito do cidadão adulto ter sido educado (Marshall, 2002, p.20).

Logo a educação, constitui-se em uma forma de combinar um direito individual a um dever público, que possibilite condições para o exercício desse direito, precisa-se compreender que essa questão não se apresenta simplesmente em benefício do indivíduo, mas dos vários poderes. Nesse sentido, "O dever de autoaperfeiçoamento e de auto civilização é, portanto, um dever social e não somente individual porque o bom funcionamento da sociedade depende da educação de seus membros" (Marshall, 2002, p. 21). Dessa forma, "a cidadania é um *status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status*" (Marshall, 2002, p. 24).

Na construção da cidadania como uma tarefa da educação, cabe uma reflexão sobre que tipo de formação está sendo oferecida, ou seja, considera-se a importância da moral e da ética nos processos educativos. Nessa perspectiva, entende-se a moral

[...] como o conjunto de princípios, valores, regras que orientam a conduta dos indivíduos em sociedade e a ética como a reflexão crítica sobre a moral, que indaga sobre a consistência e a coerência daqueles valores, definindo /explicitando seus fundamentos (Rios, 2024, p.4-5).

Destaca-se que a autora fala sobre a construção realizada pela educação em que o indivíduo vai tornando-se homem, tornando-se um exemplar único e tornando-se um membro de uma comunidade que partilha valores comuns, num triplo processo de hominização (Rios, 2024).

No entanto, a autora esquece de algo fundamental que se refere a humanização do “ser humano” nesse processo educativo. O ser humano não nasce humanizado, essa humanização é construída nas instâncias educativas como a família, escolas, igreja, em sociedade. Desta forma, é essencial a formação para a construção de sua humanização no sentido de amor ao próximo, respeito, compromisso com a verdade, agir com dignidade, ser um cidadão íntegro, tornar-se homem (hominização), um exemplo único por suas singularidades, que representa sua identidade na construção de valores que promovam o bem das pessoas em seus direitos humanos. Esses direitos são estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948):

Preâmbulo

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo [...]

Artigo

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

No contexto em que educação deve promover a humanização (tornar humano ou mais humanizado) o indivíduo deve conhecer seus direitos. Isso passa pela compreensão da concepção de educação presente na legislação educacional brasileira, que ao conceituar o termo, esclarece também os contextos formativos onde ela ocorre, bem como quais deles estão sujeitos à regulamentação legal.

Assim, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Confirma-se a família como primeira instância educativa e as demais instituições precisam estar voltadas para o ensino-aprendizagem e a pesquisa, a busca do conhecimento institucional nas diversas áreas do currículo. No entanto, esse ensino não está promovendo o mínimo que é a alfabetização e o letramento de crianças e adultos.

A educação como uma prática social, delineada pela legislação LDB, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que

disciplinam a educação escolar, desenvolvida predominantemente por meio do ensino em instituições próprias, conectadas às TDICs, em diversos tempos e espaços organizados, confirmam que a educação escolar deve ser vinculada ao mundo do trabalho e à prática social, de acordo com seus contextos. Quando a pandemia de Covid 19 exige resiliência e criatividade na aplicação das tecnologias, pode-se compreender na prática, que a educação não ocorre apenas na sala física das instituições.

Dessa forma, algo tão debatido durante tanto tempo – a inovação educacional – foi desafiada a ser colocada em prática, confirmando-se o que afirma Saviani (1995, p. 30) sobre ser “a inovação educacional a ação que coloca a experiência educacional a serviço de novas finalidades. Define-se “inovação educacional” como um processo de mudanças de práticas educativas, não como uma simples mudança, mas como um processo contextualizado à realidade do estudante, em que se busca a aprendizagem por meio da mediação realizada pelo professor.

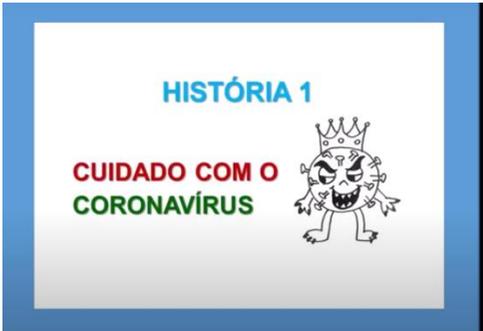
Fundamentados em Fullan (2007), compreende-se as dimensões relacionadas à inovação pedagógica, as quais pressupõem: a utilização de novos materiais didáticos ou recursos tecnológicos diversificados, a busca por estratégias que facilitem/redirecionem o processo de ensino e de aprendizagem, observando-se que a inovação não é uma simples mudança, mas requer modificações no modo de se pensar a prática pedagógica, tendo em vista redimensioná-la.

A inovação exige que, no contexto educacional, o docente e a equipe gestora se disponham a investigar os processos de aprendizagem com o uso de novos recursos, estratégias pedagógicas, meios e novas tecnologias.

É no contexto do inesperado, de uma exigência concreta global, efetiva de inovação educacional e de aprendizagem significativa, mas também de responsabilidade, na mediação e valorização de princípios éticos e morais, que são situadas as experiências exitosas do Borboletando, um programa educacional idealizado pela Profa. Sandra Ramos, como citado anteriormente, e posteriormente operacionalizado por uma equipe de professores, estudantes da UFPI e colaboradores, como uma forma de educar por meio da contação de história.

Busca-se a construção de como tudo começou a partir da entrevista da Professora Sandra Ramos:

Quadro 01 – Entrevista com a coordenadora

PROJETO BORBOLETANDO... EM CASA TAMBÉM SE APRENDE!	
Profª Sandra Ramos Universidade Federal do Piauí	
	
	
Fonte: Canal Borboletando, 2020 - 2,8 mil visualizações.	
<p>O Projeto surgiu em 2020, motivado pela pandemia. Nós nos sensibilizamos pelo fato das crianças, principalmente, as pequenas, ficarem enclausuradas dentro de casa sem poder visitar os parentes. Tendo inclusive orientação didática pela internet. O nome surgiu por pensarmos na metamorfose da borboletinha. É como se a criança, antes, uma lagartinha, estivesse passeando de folha em folha no jardim e, de repente, ficasse presa no casulo. Nessa situação, é que surge o Projeto Borboletando... dando asas a criança, que através de estratégias lúdicas, passa a voar entre as flores do jardim!</p>	

São quatro anos de projeto e temos, no momento, 1.170 inscritos no canal. Oferecemos vários tipos de contação de histórias. A contação propriamente dita, através de vídeos e animações.

Fonte: entrevista por WhatsApp, 2024.

Diante da entrevista realizada pela autora do projeto, tem-se a educação informal, não institucionalizada chegando como uma prática educativa da professora com fins e objetivos específicos na promoção de informação e construção de conhecimentos que serão realizados por pais, crianças, estudantes e professores. Portanto, a educação é um processo, logo constitui-se em algo contínuo que não acontece de repente, é uma construção que se faz em família e em sociedade, em qualquer lugar, espaço presencial ou virtual, de forma intencional ou não. Nesse sentido, apresentamos uma forma de educar crianças e pessoas que queiram e gostem de ouvir as narrativas por meio de contação de história – O Projeto Borboletando: em casa também se aprende. Esse projeto expandiu-se por meio da extensão universitária da UFPI.

Para melhor visão do contexto desse processo de contação de histórias por meio da ideia inicial, que cresceu e abraçou outros autores possibilitando o processo de extensão e pesquisa universitária buscou-se as narrativas desses sujeitos envolvidos e de forma específica as narrativas autobiográficas, que pode ser compreendida a partir da citação de Elizeu Clementino de Souza (2011, p. 213), que explica essa relação entre a vida pessoal e profissional presentes nas narrativas autobiográficas:

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas.

É a partir desta concepção que se busca trazer as narrativas de alunas que fazem parte do Projeto Borboletando, pois "Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis implicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social" (Jovchelüvitch; Bauer, 2002, p. 90).

Construindo narrativas autobiográficas

O método autobiográfico, se constitui, pelo uso de narrativas, podendo entre outros elementos, serem produzidas por solicitação de um pesquisador, no estabelecimento de uma relação entre pesquisador e entrevistado, é "uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação" (Moita, 1995. p. 258). Apresenta intencionalidade e possibilita a construção de uma memória pessoal e/ou coletiva procedente de um tempo histórico.

Assim, destacam-se as histórias de vida ou (auto)biografias das alunas que fazem parte da construção desta pesquisa.

Quadro 2 - Narrativas (auto)biográficas

Autobiografia de Regiswânia Seillane Rodrigues de Sousa
Sou Regiswânia Seillane Rodrigues de Sousa, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia Pril da Universidade Federal do Piauí, muito antes estudei o curso técnico no Instituto de Educação Antonino Freire, concluído meu curso de Magistério. Sempre fui influenciada por esse meio da educação, minha mãe era professora do Ensino Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, somos três irmãs e todas concluíram o antigo pedagógico, meu pai queria mesmo que fosse advogada e me fez a duras penas fazer o curso em Bacharelado em Direito ao qual cursei até o quinto período e logo depois de muita impaciência com o mesmo e por não me identificar logo tranquei. Decidi seguir por outro curso que também muito me identifico que foi Bacharelado em Educação Física e também me vi sem chão quando meu pai se foi, ele era excepcional um homem a frente do seu tempo, deixando em standby.

Logo ao entrar para o projeto social em meu bairro me vi fazendo as duas funções que mais gosto, tanto ajudando os monitores de Educação Física e os de Pedagogia nas tarefas do projeto e isso me deu um gás para seguir em frente.

E assim quando entrei para o curso de Pedagogia na UFPI queria ser útil e ajudar, mais os encontros como são somente as sextas e sábados me deixou um pouco sem ação, mais aí fui vendo que dentro do curso tínhamos um leque de oportunidades

Autobiografia de Francisca Cibele da Silva Gomes

Sou a Francisca Cibele da Silva Gomes, 25 anos, estudante do 5º período do curso de Pedagogia/PRIL da Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pós-graduada *lato sensu* em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), professora seletista do Município de Barras-PI. Também já trabalhei na educação especial como cuidadora em uma escola pública municipal barrense e como auxiliar de professor na educação infantil em uma escola da rede privada. Ingressei no curso de pedagogia devido acreditar sem uma oportunidade única em poder estudar em uma instituição renomada como a UFPI em um curso muito preciosa para os professores que desejam aprofundar e/ou aprimorar seus conhecimentos no campo do ensino, aprendizagem, didática, avaliação, metodologia e poder agir com mais propriedade em contextos variados de atuação docente. Sabemos o quando a educação é importante e principalmente temos um papel fundamental na construção de um mundo mais junto, com pessoas que possam atuar criticamente e com mais sensibilidade aos problemas sociais e atuantes na realidade como sujeitos críticos e transformadores.

Autobiografia de Juliana,

Tenho 28 anos, única filha mulher nascida entre quatro irmãos homens, natural de Teresina- PI. Graduada desde 2019 em Serviço Social, com especialização em Saúde Coletiva, áreas que sempre me fascinaram pela oportunidade de contribuir para o bem-estar da comunidade. Atualmente, sigo meus estudos como estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí.

Assim como, faço parte do O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o que me proporciona importantes oportunidades para me envolver diretamente no ambiente educacional. Além disso, sou professora temporária na rede municipal de Teresina, atuando no ensino fundamental I. Essa experiência tem sido enriquecedora, permitindo-me aplicar na prática os conhecimentos adquiridos ao longo da minha jornada acadêmica. Lembro-me ainda da minha infância, repleta de brincadeiras algumas que deixaram marcas profundas em minha memória e que podem ter moldado as minhas escolhas adultas. Uma das atividades que mais me encantava era recortar imagens de pessoas de revistas. Sentada no chão, transformava essas figuras em personagens de um cenário escolar, eu sempre desempenhando o papel de professora, ensinava e narrava inúmeras histórias que surgiam da minha mente. Essas brincadeiras inocentes se revelaram como os alicerces de uma paixão que perdurou ao longo dos anos. Hoje, olhando para trás, percebo como aqueles momentos moldaram meu desejo de seguir uma carreira na educação. A criança que criava cenários de sala de aula no chão do seu quarto se tornou a adulta que busca inspirar e transformar vidas através do conhecimento. Mas antes de chegar até aqui, minha jornada foi marcada por alguns empecilhos, especialmente quando se tratava do meu sonho de ser professora. Lembro-me vividamente das perguntas feitas no primeiro dia de aula na escola: "O que você quer ser quando crescer?" Sempre que chegava a minha vez, respondia com convicção: "Quero ser professora." Contudo, as reações ao meu desejo eram longe de serem encorajadoras. Recordo-me do olhar de reprovação da minha professora, acompanhado por falas desdenhosas e sorrisos irônicos. O conselho que recebia era claro: "Não queira ser isso, sonhe em ser médica." Em casa, a realidade não era diferente. Filha de uma zeladora em uma escola estadual, minha mãe vivenciava diariamente o ambiente escolar e, por isso, desencorajava também meu sonho de ser professora. As palavras que sempre ouvir, indicava que a carreira docente não era valorizada no país, além de sugerirem que seguir esse caminho seria uma sentença para a pobreza. A pressão social e as expectativas limitadas alimentavam a ideia de que ser professora não valeria a pena, que havia profissões mais respeitáveis e financeiramente recompensadoras. Como esperado, por um longo tempo deixei esse sonho de ser professora em segundo plano. Ao concluir o ensino médio, tomei a decisão de seguir uma carreira na medicina veterinária, acreditando que meu amor pelos animais seria suficiente para me

proporcionar felicidade nessa profissão. Matriculei-me em um curso pré-vestibular, prestei o ENEM no final de 2015, mas felizmente não fui aprovada para o curso desejado. No entanto, como o destino muitas vezes nos reserva surpresas, obtive uma oportunidade através do Programa Universidade para Todos (ProUni) e conquistei uma bolsa para cursar Serviço Social em uma universidade privada em Teresina. Embora inicialmente eu não soubesse ao certo do que se tratava o curso de Serviço Social, aproveitei a oportunidade oferecida pelo ProUni, mesmo sem compreender totalmente suas áreas de atuação e disciplinas. O processo foi desafiador, podendo ser descrito como doloroso, mas foi também uma de muita aprendizagem. O curso de Serviço Social se revelou como um grande divisor na minha vida. Desde o início, percebi que minha afinidade com a profissão em si não era tão forte quanto eu imaginava. No entanto, os conteúdos ministrados abriram meus olhos para inúmeras questões sociais que antes me passavam despercebidas. Cada disciplina, com seu enfoque nas problemáticas e desafios da sociedade, tornou-se uma janela para uma realidade que eu não compreendia completamente. Ao invés de limitar-me à insatisfação inicial, abracei a oportunidade de me tornar mais consciente das questões sociais que permeiam nosso cotidiano. O curso, embora não tenha despertado uma paixão direta pela profissão, transformou-me em uma pessoa que busca e defende a justiça social. Aprendi sobre políticas públicas, direitos humanos, inclusão social, entre outros temas que se tornaram fundamentais na minha visão de mundo. Não seria quem sou hoje sem essa experiência. Ainda fazendo serviço social decidir que iria me dedicar a ser professora, mas agora de serviço social, já que a atuação profissional em outras áreas não me agradava. o que precisaria fazer, terminar o curso como assim fiz, fazer mestrado e depois doutorado em políticas públicas, essa foi a força que encontrei para ir até o fim do curso, foram 4 anos com esses sonhos, mas sempre com o desejo de ser professora. Terminei no final de 2019 e, nesse mesmo ano, o mundo testemunhava a chegada de uma pandemia que ceifaria a vida de milhares de pessoas ao redor do mundo. Não gosto de afirmar que "a pandemia veio para melhorar as pessoas", mas posso dizer, pelo menos para mim, que ela teve um papel crucial nas minhas escolhas futuras. Se não fosse por ela, talvez estivesse presa a uma profissão que não me traria satisfação, afastando-me completamente do meu propósito de vida, que é contribuir de alguma forma para aqueles que me cercam e para aqueles que cruzam meu caminho, ou simplesmente para aqueles que precisam de mim. Certamente, estaria continuando

em um rumo que poderia não ter um desfecho positivo. A adversidade da pandemia me forçou a reavaliar minhas prioridades, valores e objetivos. A incerteza do momento fez-me questionar o que era realmente essencial em minha vida. Isso resultou em uma mudança de carreira que, por sua vez, trouxe uma nova perspectiva e um senso renovado de propósito. Mas também durante esse período, testemunhei meus planos e sonhos sendo arrastados pela correnteza, descobrindo o que é não ter saúde mental e enfrentando inúmeros problemas que se desenvolveram ao longo do caminho. Como ansiedade generalizada, crises de pânico e uma perspectiva negativa em relação a tudo se tornaram companheiros constantes nessa jornada. Sem trabalho na área e sem perspectiva, comecei a trabalhar em uma clínica de fisioterapia respiratória, enfrentei duas vezes a Covid-19 de maneira intensa, um desafio adicional que se somou às minhas dificuldades. No entanto, com o dinheiro que ganhava, decidi investir em terapia, marcando um ponto de virada significativo em minha trajetória. Foi nesse momento que muitas coisas começaram a mudar. Surgiu a ideia de perseguir meus sonhos reais, questionando por que deveria dedicar seis anos a uma pós-graduação em uma área que não me realizava, enquanto a carreira que eu realmente desejava exigiria apenas quatro anos, tornando-me uma professora licenciada. Passados dois anos marcados por desafios em minha saúde mental, decidi investir em minha recuperação e, simultaneamente, me dedicar a cursos online como preparação para enfrentar novamente o Enem. Meu objetivo era conquistar uma vaga em uma universidade pública. Inicialmente, vislumbrava o curso de Letras Português, mas ao longo desse processo, encontrei minha verdadeira paixão na Pedagogia. Hoje, posso afirmar com convicção que seria feliz em qualquer licenciatura, pois meu verdadeiro desejo é me tornar uma professora. O início do curso de Pedagogia em 2022 marcou o começo de uma fase repleta das melhores experiências em minha vida profissional, acadêmica e pessoal. A jornada acadêmica na Pedagogia não apenas alinhou-se perfeitamente com meus anseios, mas também proporcionou crescimento como estudante, pessoal e, também, como futura educadora.

Autobiografia de Maria Neuman Gomes

Eu, Maria Neuman Gomes, nascida em 20 de junho de 1971 na Fazenda Boa Esperança, hoje conhecida como a cidade de João Costa. Sou a quinta filha de nove filhos que meus pais camponeses

tiveram e registrada na cidade São João do Piauí. A única renda era da colheita da roça, situação difícil pois meu pai era muito trabalhador, porém tinha alguns vícios, tipo, beber, jogar, com vinte anos de falecido tanto ele quanto minha mãe que a perdi poucos dias atrás, ela sim sofreu muito para nos criar. Sinto muita falta dela e vou sentir sempre. Meus pais dava as filhas para as pessoas pouco conhecida deles, para brincar com suas crianças, mas na verdade era pra fazer tarefas domésticas sem salário, logo éramos de menor ou ainda criança. Eu mesma vim com onze anos para casa de uma tia que eu não a conhecia mais era irmã da minha mãe que foram separadas ainda na infância.1983 fui matriculada para estudar pela primeira vez em Teresina, na primeira série, bem atrasada sendo que no interior ia cursar a quarta série porém não sabia ler ainda. Prossegui até o primeiro ano do Ensino Médio. Sempre admirei meus professores desde criança, contudo não pude continuar com os estudos, casei com o primeiro namorado e logo engravidei, marido pobre, cachaceiro e irresponsável. Tive que trabalhar e sustentar meu filho e após dezessete anos voltei estudar para terminar o ensino médio e tentando o Enem desde 2012 e fui chamada agora e me sentindo a futura professora a pesar de estar um pouco puxado. Estou tentando acompanhar a turma de muitos jovens e inteligentes e cheios da modernidade, mas com fé no Pai Eterno me esforçando o máximo vou conseguir. Não trabalho na área mais pretendo pela permissão de Deus Pai.

Autobiografia de Márcia Raynne

Tenho 26 anos, sou mãe de dois meninos, o João Arthur é o Ravi Gael, cujo o Arthur tem transtorno do espectro autista- TEA, sou natural de Teresina-Piauí. venho de uma família simples e humilde. Desde criança eu sempre quis estar à frente dos demais como um exemplo, alguém cujo o objetivo era repassar o que sabia pra um outro , sempre fui muito bem desenvolvida na escola, fui avançada de série duas vezes, pois com 4 anos de idade eu já sabia ler, durante minha trajetória escolar sempre fui desenvolvida, adiante da minha turma, diversas vezes ajudei meus colegas de classe a realizar atividades pra que pudéssemos ir pro intervalo ou pra não ficar de castigo, pois em meados de 2007 ainda prevalecia o método tradicional nas escolas, e nossa única obrigação era acatar o comando, sentar e escrever, eu sempre via a escola como um espaço bem mais amplo do que só repassar conteúdo, então foi aí que eu decidi que diferente das minhas amigas que queriam ser bailarina, veterinária ou

médica eu queria ser a profissão que formaria as demais profissões, eu queria ser professora.

Muito convicta do que queria ser profissionalmente eu fui em busca do meu objetivo, mal sabia eu o que vinha pela frente e o quão encantada eu ficaria com a profissão que escolheria pra mim.

Fonte: Histórias de vida das extensionistas, 2024.

Buscou-se apresentar essas narrativas autobiográficas /histórias de vida e formação, na íntegra, para que o leitor possa analisar e inferir suas conclusões referente a fundamental importância do processo de ensino e aprendizagem, da educação formal e informal, nas experiências de vida dessas pessoas, a importância do professor conhecer seus alunos para a partir de suas subjetividades/diversidades, dificuldades e vontades possam mediar o processo de ensino e aprendizagem de forma coletiva e individual. É importante observar como o “ser professor” surgiu na vida de cada uma e como foram conduzidas para o Projeto “Borboletando”.

O projeto Borboletando: desenvolvendo práticas exitosas com contação de histórias

Destacam-se as histórias de vida das extensionistas a partir de suas experiências no Projeto Borboletando, que evoluiu ao longo dos anos, podendo-se observar a partir de sua logomarca.



As extensionistas participantes da primeira edição do Projeto, vivenciaram a experiência da pandemia. As participantes

atuais, vivenciam outro contexto que envolve a formação docente no contexto do PRIL.

Quadro 3 – Participação no Projeto Borboletando

Fui apresentada ao Projeto Borboletando, mesmo sem entender como funcionava tudo agarrei a oportunidade. **Fiquei feliz em poder participar da Feira de Literatura Piauiense no espaço do Riverside Shoppings e auxiliando a nossa coordenadora Sandra Ramos com atividades lúdicas das crianças que visitavam o estande do Borboletando, e a compreensão da importância da contação de história. O Projeto Borboletando tem um trabalho lindo através da Contação de histórias o estímulo que causa na transformação do cognitivo e na imaginação da criança, hoje sou estagiária no ensino infantil e bolsista nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vez ou outra quando me compete mostro através das observações apreendidas pelo Borboletando a Contação de histórias e, também, na produção de histórias baseada nos fatos reais dos alunos que convivo. Enfim, tenho muito que aprender e dizer que **essas atividades de extensão complementam e aguçam a nossa utilidade como pedagoga e ensinam como devemos agir, no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças.****

Entrei no projeto “Borboletando” com o objetivo de poder entender mais sobre a metodologia da contação de histórias para crianças e como ela pode ser utilizada na sala de aula ou em projeto escolar. Mas o que pude perceber é sua relevância como estímulo à imaginação e a criatividade ao envolver os alunos nos momentos de exposição, permitir que as crianças possam participar ativamente ao interagir com os personagens, estimular que os discentes adentrem no mundo literário ao exporem formas diferentes de aproximação dos livros, estimulando o letramento e a formação de leitores críticos e fluentes. São momentos singulares que aliam diversão, entretenimento, estímulo a cognição e a interação de uma das primeiras contações de histórias que foi realizada na Feira da Literatura Piauiense (FELIPI) realizada no Riverside Shopping em 2023. Na ocasião foi exposta a história da *A Porca do Dente de Ouro*, da autora Sandra Ramos e *As Aventuras de Milly!* *Meu primeiro amor*, da autora Elizsângela Santos de Oliveira. Foram

utilizados fantoches gigantes e no final as crianças tinham a oportunidade de realizar uma atividade manual como pintar os personagens em gesso e/ou papel. Os alunos ficavam animados com as atividades e ainda se divertiam muito com a animação das contações. Eles interagiam com perguntas e conversando com as contadoras de histórias. Foi sem dúvida uma prática exitosa no sentido de estimular a imaginação das crianças, atrair sua atenção, provocar questionamentos e também reforçar o papel da leitura na formação crítica e humana dessas crianças. Tudo regado a brincadeira e diversão proporcionado pela narração da contação de histórias. **O contato com o projeto permitir entender mais sobre a importância da leitura nos primeiros anos escolares, principalmente por ser imprescindível para o desenvolvimento das crianças e estimular os primeiros contatos com os livros através da contação de histórias infantis utilizando a imaginação, criatividade e interação ativa dos alunos com as propostas trazidas pelos professores.** Sendo os livros produtores de diferentes perspectivas, temas, personagens, contextos que inferem novos pensamentos e pontos de vistas para as crianças pensarem, intervirem e trazerem para sua realidade. É uma forma enriquecedor de trazer o mundo da leitura de uma forma lúdica e atrativa para as atividades escolares, projetos e, também, para a rotina familiar dos discentes. A contação de história é um momento primoroso e indissociável do ensino e aprendizagem na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois permite que os discentes desde pequenos se sintam parte da produção de conhecimentos e, também, observem que podem ser sujeitos ativos dentro e fora da sala de aula na construção de saberes. Fazendo com que possam refletir sobre diversos assuntos do seu cotidiano e com isto aprimorar a sua percepção de mundo, contribuindo com o seu processo de letramento literário através do contato lúdico e dinâmico com histórias ficcionais variadas e narrativas com temáticas que envolvem temas do cotidiano como racismo, desigualdade, igualdade, respeito e os direitos humanos. Entendendo os contextos, os conteúdos vinculados e a finalidade, permitindo uma visão mais crítica e interpretativa dos gêneros textuais vinculados na narração das histórias.



Minha experiência no programa Borboletando, iniciado em 2023, foi verdadeiramente transformadora, proporcionando-me oportunidades enriquecedoras desde o seu início. Uma das experiências mais marcantes ocorreu durante minha participação na Feira de Literatura Piauiense (FELIPI) naquele mesmo ano. Em meu primeiro contato com o programa, fui designado para o espaço infantil “Felipinha”, dedicado às crianças que participaram do evento, seja como visitantes individuais ou representando suas escolas. Essa experiência não apenas me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos no Borboletando, mas também me conectou diretamente com o público infantil, proporcionando uma visão prática e significativa da educação e da promoção da literatura. No espaço Felipinha, tive a oportunidade de interagir com crianças. Ao proporcionar atividades interativas e lúdicas, como contação de histórias, jogos educativos e oficinas criativas, conseguimos criar um ambiente estimulante e educativo para as crianças presentes. Essa participação na Feira de Literatura Piauiense representou um momento de sucesso pessoal, assim como, uma confirmação do impacto positivo que o programa Borboletando pode ter na promoção da educação e da literatura. Essa experiência serviu para meu comprometimento contínuo com iniciativas educacionais e culturais, demonstrando como o aprendizado prático pode ser crucial para a compreensão e o fortalecimento dos princípios pedagógicos.

Me inseri no curso através do PRIL onde está sendo muito bom, onde as aulas são aos finais de semana sendo que 50% remota e 50%

presencial, ensino híbrido. Sobre o projeto borboletando infelizmente eu só participei de um único evento, porem **foi muito enriquecedor para a minha graduação, vi o quanto isso faz a diferença na vida dessas comunidades, o projeto levou até esta comunidade várias atrações como; demonstrações de como fazer a higiene bucal com os estudantes de odontologia da UFPI, músicas infantis, contação de história, pinturas nos rostinhos das crianças, trenzinho para as crianças passearem nas ruas, brincadeiras, entregas de presentes, muitas comidas tudo de pelo o projeto e o mais bonito de se ver era a alegrias das crianças, como elas se divertiam.**



Em 2017, passei no Enem e **escolhi a Universidade Federal do Piauí-UFPI, pelo seu renome e reconhecimento aqui no estado.** Em poucos dias lá estava eu, **a primeira integrante da família Alencar a adentrar uma universidade,** muito mais do que um diploma, fui parabenizada pelo meu esforço e dedicação mesmo diante de tanta barreiras, 3 anos após minha aprovação meu primeiro filho nasceu, como um renovo, porém o que pouco se fala são dos desafios da maternidade na graduação, foi literalmente um furacão, mesmo diante tantos percalços eu resistia com a certeza de que só sairia dali com meu diploma, já com disciplinas atrasadas e carga horária reduzida veio a pandemia e com ela minha segunda gestação, Ravi Gael anunciava sua chegada ao mundo, quanta insegurança, medo e dificuldades não se passaram na vida de cada um, agora imagine só : maternidade, graduação, pandemia e dona de casa?!

Mesmo diante de todos os acontecimentos, eu permaneci, com muitos indagando: “onde está o diploma? É curso de medicina?”. Eu decidi continuar, peguei menos disciplinas, e **quando eu pensava em desistir surge a Professora Sandra, muito mais que apresentação de uma disciplina me apresentou o projeto borboletando**, no qual eu nunca ouvira falar, mas quis adentrar e conhecer esse mundo da contação de histórias e sua implicações no processo de ensino e aprendizagem, onde eu achava que era o fim na verdade era o começo.

Infelizmente durante minha graduação não pude participar de muitas atividades extra curriculares, devido ao trabalho e em seguida as gestações, mas eis me aqui, vivenciando essa experiência e algumas outras por meio do curso de pedagogia, curso esse no qual eu descobri que muito mais do que professores somos capacitadores, capacitados pra ensinarmos no mesmo instante que aprendemos, convivendo com a heterogeneidade, compreendendo que cada universo é único.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Fonte: Histórias de vida das extensionistas, 2024.

A intensão desta pesquisa voltada para a construção de narrativas fundamenta-se na compreensão de que enquanto seres humanos não existe a neutralidade, mas que é necessário que se busque a ética e a responsabilidade da necessidade de se policiar enquanto nossas crenças e ideologias, que são da responsabilidade da família e não imposição das escolas. Precisa-se conhecer a subjetividade para que se tenha maior respeito à individualidade no contexto coletivo nas tomadas de decisões no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem como responsabilidade da escola.

Nas narrativas autobiográficas tem-se a visão do individual no contexto de aplicação em um ambiente coletivo, que precisa ser cooperativo, ético e que promova a efetiva aprendizagem de forma significativa, ao conhecer os estudantes

essa tarefa de mediação pedagógica se torna mais fácil. As tomadas de decisões em relação a uma avaliação que busca a promoção da aprendizagem e o redirecionamento do ensino e da aprendizagem do aluno podem ser beneficiados.

As histórias de vida/autobiografias deixam explícito a importância para essas alunas de estudar na Universidade Federal do Piauí – UFPI; o sonho de uma educação superior; a relevância da UFPI para o ensino do Piauí; a realização do tripé: ensino/pesquisa e extensão por parte de gestores e professores da UFPI e, no caso do Borboletando, pelo CEAD/UFPI.

Tem-se em comum ao se analisar as histórias de vida em relação a inserção dessas alunas no Borboletando, a fundamental relevância social e educativa desse projeto. Tendo em vista que essa experiência foi considerada exitosa e promoveu a inclusão de alunos no projeto de extensão universitária – **“Infelizmente durante minha graduação não pude participar de muitas atividades extra curriculares, devido ao trabalho e em seguida as gestações”** em que a aluna coloca a necessidade de se busca o educando por meio de propostas educativas inovadoras – **“quando eu pensava em desistir surge a Professora Sandra, muito mais que apresentação de uma disciplina me apresentou o projeto borboletando”**.

Destacam-se em outras narrativas a importância do projeto, a interdisciplinaridade com as demais áreas e a sua aplicabilidade direta na comunidade, oportunizada pela relação ensino/pesquisa e extensão:

foi muito enriquecedor para a minha graduação, vi o quanto isso faz a diferença na vida dessas comunidades, o projeto levou até esta comunidade várias atrações como; demonstrações de como fazer a higiene bucal com os estudantes de odontologia da UFPI, músicas infantis, contação de história, pinturas nos rostinhos das crianças, trenzinho para as crianças passearem nas ruas, brincadeiras, entregas de presentes, muitas comidas tudo de pelo o projeto e o mais bonito de se ver era a alegrias das crianças, como elas se divertiam [...]

Minha experiência no programa Borboletando, iniciado em 2023, foi verdadeiramente transformadora, proporcionando-me oportunidades enriquecedoras desde o seu início. Uma das experiências mais marcantes ocorreu durante minha participação na Feira de Literatura Piauiense (FELIPI) Em meu primeiro contato com o programa, fui designado para o espaço infantil “Felipinha”, dedicado às crianças que participaram do evento, seja como visitantes individuais ou representando suas escolas. Essa experiência não apenas me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos no Borboletando, mas também me conectou diretamente com o público infantil, proporcionando uma visão prática e significativa da educação e da promoção da literatura [...]

O contato com o projeto permitir entender mais sobre a importância da leitura nos primeiros anos escolares, principalmente por ser imprescindível para o desenvolvimento das crianças e estimular os primeiros contatos com os livros através da contação de histórias infantis utilizando a imaginação, criatividade e interação ativa dos alunos com as propostas trazidas pelos professores.

Fiquei feliz em poder participar da Feira de Literatura Piauiense no espaço do Riverside Shoppings e auxiliando a nossa coordenadora Sandra Ramos com atividades lúdicas das crianças que visitavam o estande do Borboletando, e a compreensão da importância da contação de história. O Projeto Borboletando tem um trabalho lindo através da Contação de histórias o estímulo que causa na transformação do cognitivo e na imaginação da criança, hoje sou estagiária no ensino infantil e bolsista nos anos iniciais do Ensino Fundamental[...] essas atividades de extensão complementam e aguçam a nossa utilidade como pedagoga e ensinam como devemos agir, no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças.

Confirma-se nas narrativas autobiográficas das alunas o que afirma Catani (2005, p. 32) que, “as escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola pode ser útil como fonte para a elaboração da história da educação”, ao traduzir sentimentos, representações e significados individuais e coletivos comuns às narrativas das memórias, histórias e relações sociais com a universidade e os projetos de extensões vivenciados pelos alunos da UFPI, em especial o Borboletando, pode-se conhecer a história, as experiências realizada e as práticas em geral desenvolvidas pelos sujeitos participes dessas experiências que são consideradas exitosas.

O Projeto Borboletando: em casa também se aprende, como exemplo de uma experiência exitosa para alunos do curso de formação de professores no âmbito da Pedagogia da UFPI, bem como em seu primeiro momento durante a pandemia do Covid 19, possibilitou às famílias, estudantes e professores ou a qualquer pessoa interessada na temática a utilização da contação de história como método e técnica de ensino e aprendizagem em um formato lúdico.

Ao se apresentar essas experiências e a história do projeto por meio de narrativas autobiográficas/história de vida, ultrapassa o que afirma Sousa (2007, p. 63) sobre a lembrança e/ou memória:

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Segundo Souza (2007), em geral, os estudos das histórias de vida no campo educacional estão mais centrados na pessoa do professor, com ênfase nas subjetividades e identidades que essas narrativas comportam. Neste estudo, tem-se o diferencial de se buscar nas histórias de vida de alunas as memórias pessoais, experiências acadêmicas e seus anseios de formação inicial e

continuadas presentes nas narrativas destas estudantes. Elas se posicionam sobre o quanto essas experiências são importantes, a valorização da instituição universitária em suas vidas, as experiências de extensão e apresentam a formação que constrói suas identidades pessoais e de futuro profissionais da educação, contribuindo, desta forma, com a construção da história da educação e formação de professores.

Considerações finais

Considera-se que ao se buscar a pesquisa sobre “Educação e contação de histórias: uma prática exitosa”, título deste capítulo, tem-se a intenção de mostrar aos leitores a intrínseca relação entre a educação formal, informal e as práticas inovadoras representadas pelo Projeto Borboletando: em casa também se aprende, podendo-se discutir aspectos relevantes sobre o que é educação, a partir de um acompanhamento da trajetória dos seus conceitos, que mostra ter, desde o início, a educação como instância primeira – a família.

A partir da Carta Magna do Brasil – a Constituição de 1988 e as instituições anteriores que demonstram que nem sempre a educação foi um dever do Estado, sendo desenvolvida inicialmente na família. A Constituição de 1988 estabelece a garantia da educação como direito de todos, sendo o Estado/poder público responsável por esse serviço educacional representado pelo ensino e aprendizagem ofertados em instituições educativas e que precisa ser de qualidade. Ao mesmo tempo, a Constituição não tira o dever da família como primeira instância educativa.

O projeto Borboletando, como diz o título “em casa também se aprende” recorda essa responsabilidade da família, buscando de forma lúdica, por meio da contação de histórias apresentar a todos as informações sobre os problemas que o mundo estava passando e de forma específica a situação das crianças em suas casas, impossibilitadas de irem para a escola.

Posteriormente o projeto apresenta o caráter institucional na formação de futuros professores, a partir do tripé universitário: ensino-pesquisa e extensão, bem representado pelas histórias de

vida/narrativas autobiográficas das alunas protagonistas dessa trajetória educativa. Dessa forma, por meio dessas narrativas tornou-se possível compartilhar algumas experiências exitosas vivenciadas por essas alunas, demonstrando a importância do projeto e da universidade em suas vidas, na formação pessoal e profissional para a construção da identidade, e consequentemente da cidadania. O Borboletando possibilita a construção de valores, no que se descreve como educação para a integridade, para o ser como um todo, íntegro e completo nas suas dimensões para a construção de um ser humano. Uma educação que prepara o ser humano para o respeito, capaz de buscar e construir conhecimento com dignidade, de forma integral e não apenas um conhecimento fragmentado e desumanizado.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 201.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>, Acesso em: 05 maio 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 05 abr. 2024.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** (de 18 de setembro de 1946). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 03 maio 2024.

BRASIL. **Constituição Federal de 1969**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/constituicao-federal-de-1969/773737183>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BORGES, Inez Augusto Borges. **Educação para a integridade: referencial teórico**. São Paulo, 2017.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul./dez. 2005.

CARVALHO, José M. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: <https://necad.paginas.ufsc.br/files/2012/07/CARVALHO-Jos%C3%A9-Murilo-de.-Cidadania-no-Brasil1.pdf>. Acesso em 30 jan. 2024.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (1948). Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>, Acesso em: 05 maio 2024.

FULLAN, M. **The NEW Meaning of Educational Change**. London: Routledge, 2007.

JOVCHELÜVITCH, S; BAUER, M. W. A Entrevista Narrativa. In: Bauer, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto Imagem e Som** - um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARSHALL, Thomas H. **Cidadania e classe social**. Volume I. Brasília: Senado Federal, Centro de Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. Ln: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

PRENSKY, Marc. Entrevista para a Milênio. **Não podemos forçar os jovens a fazer o que foi bom para nós**. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jan-02/embargadamilenio-marc-prenskyconsultor-educacao> . Acesso em: 10 jun. 2024.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE FOMENTO E INDUÇÃO DA INOVAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL CONTINUADA DE PROFESSORES E DIRETORES ESCOLARES – PRIL. Disponível em:

<https://cead.ufpi.br/index.php/prils>. Acesso em: 04 maio 2024.

PUJADAS, J. J. **El método biográfico. El uso de las historias de vida en ciencias sociales**, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992.

PISA – RANKING DE EDUCAÇÃO MUNDIAL: ENTENDA OS DADOS DO BRASIL. 2023. Disponível em:

<https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/>.

RIOS, T. A. **Programa ética e cidadania**. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/2_rios.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação** (2007). Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>, Acesso em: 10 abr, 2024.

SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.



Projeto “Borboletando...”, educação e as mídias digitais

Irlaine Cutrim Helal Cavalcante
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Pablo Henricky Moura Rufino

1 INTRODUÇÃO

A utilização de tecnologias e mídias digitais no contexto educacional é destacada como uma experiência transformadora, proporcionando novas perspectivas de ensino e aprendizagem. Contudo, Moran (2004) faz uma crítica sobre o uso dessas tecnologias na educação, pois existe uma tendência de simplesmente aplicá-las para ilustrar o conteúdo, mantendo a estrutura tradicional de ensino, com o professor falando e o aluno ouvindo.

A crítica é pertinente, tornando-se importante destacar a necessidade de uma abordagem mais revolucionária, que transcenda o ensino engessado e se alinhe ao contexto digital no qual alunos e professores já estão inseridos.

Silva (2000) realça a potencialidade de um projetor multimídia com acesso à internet, como uma ferramenta didática riquíssima para o professor, permitindo a apresentação de simulações virtuais, vídeos, jogos e outros materiais interativos. Entretanto, tais ferramentas são, ainda, precariamente utilizadas, mesmo em salas equipadas com essas tecnologias, exatamente por não serem reconhecidos seus objetivos didáticos.

O advento da implantação de plataformas *on-line* é reconhecido por proporcionar uma acessibilidade sem

precedentes à informação, oferecendo a professores e estudantes uma riqueza inigualável de materiais educativos. Cada dia mais, esse acesso tem sido colocado ao alcance de todas as classes sociais, com a internet chegando aos territórios mais longínquos.

A dimensão mais impactante dessa inserção no mundo digital é identificada no engajamento de todos, de todas as idades, numa teia de interatividade sem precedentes. É nesse contexto que surgem também as infinitas possibilidades de acesso a programas de entretenimento, destacando-se aqui o caráter lúdico desses programas.

No contexto educacional, Rufino (2021) destaca, por exemplo, o potencial dos jogos e ferramentas interativas para tornar o aprendizado mais dinâmico e atrativo, ressaltando que, quando direcionados corretamente, podem ser aliados valiosos no desenvolvimento de habilidades essenciais à aprendizagem.

A personalização do aprendizado é considerada crucial, com plataformas adaptativas e algoritmos capazes de criar ambientes educacionais mais alinhados às necessidades individuais dos alunos. No entanto, ressalta-se a necessidade de cautela para evitar a automatização excessiva, garantindo o respeito às reais necessidades dos estudantes, numa dosagem lúdica coerente e segura.

Kishimoto (1994) salienta a importância do lúdico para a formação integral da criança, enfatizando seu valor para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Nessa perspectiva, o Projeto “Borboletando... em casa também se aprende!” consegue incorporar essa visão, ao oferecer vídeos informativos, vídeo animações e contação de histórias, com benefícios educacionais interligados e em atendimento às demandas da comunidade, o que amplia o alcance do mesmo, promovendo a acessibilidade e preservando a identidade cultural e regional do público que participa do projeto.

Um exemplo disso aconteceu quando foi solicitado à coordenação do Borboletando, no período da pandemia, a criação de uma historinha que explicasse a uma criança autista porque sua mãe estava sempre fora de casa e, quando chegava, permanecia de máscara e luvas, sem quase nenhum contato físico com a criança.

Em atendimento à solicitação, o projeto criou a vídeo historinha “Esquadrão antivírus”, que explica sobre os perigos do vírus da COVID 19, e destaca a importância do grupo de profissionais (médicos, enfermeiros, cientistas, agentes de limpeza, entre outros) que se tornou um esquadrão de verdadeiros heróis, literalmente, defendendo a humanidade (<https://www.youtube.com/watch?v=9_KGMNjzI-0>)

Fotos 01 e 02 – Esquadrão Antivírus

ESQUADRÃO ANTIVÍRUS



Fonte: Acervo do Projeto Borboletando, 2024.

Destaque-se, aqui, que os vídeos do projeto propõem interatividade com o meio virtual, com oferecimento de orientação para uso didático dos vídeos e com postagens de

atividades elaboradas pelos educadores que compõem a equipe do Borboletando.

A multimodalidade dos vídeos, combinando elementos visuais e auditivos, é reconhecida como uma estratégia que estimula o engajamento mais profundo das crianças. Voltando ao exemplo dos jogos e das vídeos historinhas, a combinação de abordagens demonstra a integração dessas ferramentas com a educação, destacando seu potencial para engajar os alunos de forma personalizada e dinâmica.

Assim, o objetivo deste estudo é de analisar como as mídias digitais podem contribuir para o processo educacional, proporcionando oportunidades inovadoras de ensino e aprendizagem. Teóricos como Antunes (2005), Moran(2004), Rufino (2021), Kishimoto (1994) e Moura (2008) contribuíram para fundamentar as argumentações e destacar a relevância de abordagens pedagógicas que explorem plenamente o potencial das tecnologias digitais na educação.

2 MÍDIAS DIGITAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Como já enfatizado, a utilização de ferramentas e mídias digitais no contexto educacional deveria proporcionar um número bem maior de novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Quando Antunes (2005) aborda a relevância dos jogos como instrumentos pedagógicos, *exempli gratia*, destaca a importância de se considerar as diferentes inteligências das crianças. Nesse sentido, os jogos podem estimular essas capacidades de maneira lúdica e envolvente.

Portanto, incorporar ferramentas e mídias digitais no cenário educacional deveria ser algo mais revolucionário e marcante na maneira como aprendemos e ensinamos, pois quando saímos do ensino tradicional e passamos a considerar a existência e importância das diferentes inteligências as quais se referiu Antunes (2005), não podemos ignorar o universo digital no qual os alunos (e também os professores) já estão inseridos.

Entretanto, inserimos as tecnologias e mídias digitais na universidade e nas escolas, mas, em geral, continuamos fazendo o de sempre – o professor falando e o aluno ouvindo – com um

verniz de modernidade. As tecnologias são utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor do que para criar novos desafios didáticos (Moran, p. 2, 2004).

O que falta, então? Falta a superação do ensino engessado e distante da realidade para um ensino recheado de criatividade e desafios no contexto de plurais realidades históricas e culturais. Ao observamos de perto, quando ocorre essa transição, o mundo digital proporciona uma série de experiências que impactam alunos, professores e todo o ecossistema educacional.

Apenas um projetor multimídia com acesso à internet já permite uma infinidade de experiências inéditas de ensino e aprendizagens. Essas ferramentas dão acesso, em apenas um clique, a simulações virtuais, vídeos, jogos, materiais em CD, DVD, páginas WEB ao vivo, oferecendo um universo de possibilidades e descobertas.

Além disso, através das plataformas da internet, o professor tem acesso aos trabalhos dos alunos, às pesquisas e atividades realizadas em ambiente virtual de aprendizagem (um fórum previamente realizado, por exemplo). Podem ser mostrados jornais *on-line*, com notícias relacionadas com o assunto que está sendo tratado em classe. Os alunos podem, inclusive, contribuir com suas próprias pesquisas *on-line*. Há um campo de possibilidades didáticas até agora pouco explorado pela escola (Silva, 2000).

Podemos observar que, ao adotar plataformas *on-line* e recursos digitais, a acessibilidade à informação atingiu um patamar inédito. Estudantes agora têm, ao alcance de sua mão, uma riqueza de materiais educativos, proporcionando flexibilidade no processo de aprendizado. No entanto, essa acessibilidade não é uniforme, gerando desafios relacionados à disparidade de acesso à tecnologia entre os alunos.

A mudança mais marcante proporcionada pelo uso das mídias digitais talvez seja a transformação no engajamento e na interatividade entre os sujeitos. Ferramentas interativas e jogos, mesmo aqueles que não foram criados com o propósito de serem usados no campo educacional, têm o potencial de tornar o aprendizado mais dinâmico e atraente. Destaca-se aqui o aspecto lúdico do uso de mídias digitais.

A ludicidade, tão importante para a saúde mental do ser humano é um espaço que merece a atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito de toda a criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos (Ferreira; Silva; Reschke [s/d], p.6).

Sobre isso Kishimoto (1996) esclarece que, por meio do lúdico, o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista.

Além do aspecto lúdico, a personalização do aprendizado é outro aspecto da experiência digital que merece destaque. Plataformas adaptativas e algoritmos podem criar ambientes educacionais mais personalizados, atendendo às necessidades individuais dos alunos. No entanto, é necessário cautela para evitar que a automatização excessiva comprometa a compreensão real das necessidades e habilidades dos estudantes.

É nesse contexto que destacam-se as contribuições do Projeto Borboletando. A experiência de empregar ferramentas e mídias digitais em benefício da educação é peça chave no Projeto, que se utiliza de uma abordagem inovadora e envolvente para cativar as crianças a aprenderem de forma lúdica. Como é sabido, o projeto utiliza a contação de histórias infantis adaptadas, disponibilizadas em vídeos no *YouTube*. Essa é uma inovação que merece destaque, quando combina elementos culturais, como lendas e contos piauienses, com temas contemporâneos, como o da pandemia de COVID-19 – que foi inclusive, pontapé inicial do Projeto.

Ademais, o Projeto Borboletando oferece diversos benefícios educacionais interligados. A disponibilidade dos vídeos no *YouTube* amplia significativamente o alcance do projeto e promove a acessibilidade, garantindo que crianças de diversas localidades possam desfrutar do conteúdo educativo. Inclusive, por adaptar histórias que incluem elementos culturais locais, como lendas piauienses, o Projeto Borboletando cumpre um papel crucial na preservação da identidade cultural regional e leva a

crianças de outras localidades, que porventura tenham acesso a esse conteúdo, um leque de novidades a respeito do Piauí. E, ao contextualizar as histórias em eventos contemporâneos, como a pandemia, o Projeto facilita a compreensão, por parte das crianças, de diferentes situações enfrentadas pela comunidade. Por conseguinte, a abordagem do Projeto Borboletando é particularmente relevante no contexto atual, em que a tecnologia desempenha um papel significativo na vida cotidiana dos alunos.

A multimodalidade dos vídeos, combinando elementos visuais e auditivos, estimula um engajamento mais profundo, permitindo que as crianças se conectem tanto visual quanto auditivamente às histórias contadas, tornando o processo de aprendizagem mais envolvente e garantindo que elas se interessem também em cumprir as atividades. Além disso, professores que decidam usar os vídeos em suas aulas, podem se guiar pelas sequências didáticas propostas, elaboradas pelos professores que compõem a equipe realizadora do projeto e disponibilizadas através de *links* indicados na descrição dos vídeos.

Resumindo, podemos pontuar: 1. As histórias contadas no Projeto Borboletando oferecem uma oportunidade das crianças compreenderem e expressarem suas emoções em relação a eventos sociais significativos. 2. Os conflitos enfrentados nas historinhas levam as crianças a desenvolver habilidades sociais e emocionais importantes para a vida em sociedade. 3. A natureza lúdica das histórias contadas no Projeto incentiva a imaginação e a criatividade das crianças. 4. O tratamento de elementos da cultura popular e de temas contemporâneos oferece um terreno fértil para a expansão da mente das crianças, estimulando não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento integral de suas capacidades cognitivas e emocionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de uma conclusão, pode-se afirmar que a incorporação de ferramentas e mídias digitais na educação, destacada pelo Projeto Borboletando, oferece infinitas

possibilidades de acesso ao conhecimento e de práticas de ensino com novas abordagens.

Desse modo, as reflexões aqui apresentadas, desafia os professores a irem além da simples modernização das ferramentas didáticas, buscando uma mudança, até certo ponto, revolucionária no ensino tradicional para se adequar às realidades plurais dos alunos e às suas demandas atuais.

Como destacado, a introdução de tecnologias, como projetores multimídia, amplia as possibilidades didáticas, permitindo a visualização de diversos materiais e simulações virtuais. Por que não explorar melhor esse universo que se abre através das mídias digitais? Para tanto, torna-se necessário um planejamento didático adequado que desperte a curiosidade epistemológica em crianças e professores, de modo a que lancem mão dessas ferramentas para aprender e aprender a ensinar melhor.

O potencial das ferramentas interativas na educação é algo que percebemos como importante, mas existe a necessidade de equilibrar seu uso para evitar perigos e distrações. Equilibrar o uso dessas tecnologias, tem sido um grande desafio, já que a distração e a falta de foco que seu uso excessivo provoca, produzem efeitos colaterais prejudiciais.

O modo como o Projeto Borboletando oferece diversificadas propostas didáticas, auxilia na superação desse desafio, pois mescla o uso das mídias digitais com a exploração de recursos e estratégias tradicionais.

A internet representa uma ferramenta poderosa que possibilita a modificação facilitada da abordagem de ensino e aprendizagem, tanto em cursos presenciais quanto em cursos a distância. As possibilidades são vastas e variam de acordo com o contexto específico em que o professor está inserido, considerando fatores como o número de alunos, as tecnologias disponíveis, a duração das aulas e o suporte institucional.

Diante dessas variáveis, alguns caminhos se destacam como mais viáveis e produtivos na atualidade. Contudo, o suporte institucional é fundamental para garantir o sucesso dessas iniciativas, proporcionando infraestrutura adequada, treinamento para os educadores e acompanhamento contínuo.

Convém lembrar, também, que a flexibilidade oferecida pela internet, embora permita a adaptação do formato de ensino conforme as necessidades específicas dos alunos, não diminui ou esvazia o protagonismo do professor no processo de ensino. Ao contrário, nesse contexto, o professor assume um papel crucial, atuando como condutor, estimulador e avaliador do processo de aprendizagem, afinal é ele quem conduz os alunos em direção a alcançar os objetivos de aprendizagem propostos.

Finalmente, observa-se que do diálogo entre Projeto Borboletando, educação e mídias digitais, destacam-se algumas contribuições do Projeto que, a saber, incluem inovação pedagógica, adaptação à realidade digital dos alunos, desenvolvimento de competências tecnológicas, personalização do aprendizado, estímulo à criatividade e imaginação, além da promoção da cultura local e do desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A abordagem do Projeto, nessa perspectiva, não apenas impacta positivamente a formação da criança como a formação docente dos extensionistas, influenciando no crescimento pessoal de todos os envolvidos no Projeto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais. Campinas: Papirus, 2005.

FERREIRA, Juliana de Freitas ; SILVA Juliana Aguirre da; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem**. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf>
Acesso em: 05 abril 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, a criança e a educação**. São Paulo, 1994. Tese (Livre Docência)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. O jogo e a educação infantil. São Paulo, Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MORAN, José Manoel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.12, p.13-21, maio/ago. 2004.

MOURA, Juliana Santana. **Jogos eletrônicos e professores: primeiras aproximações**. 4º Seminário Jogos eletrônicos, educação e comunicação: construindo novas trilhas, 2008.

RUFINO, Pablo Henricky Moura. **O uso de games no ensino dos anos iniciais (1º ao 5º ano): contribuições**, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

MORAN, José Manoel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.12, p.13-21, maio/ago. 2004.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2000.



Borboletando: a tecnologia como ferramenta de ações de extensão¹

Marilde Chaves dos Santos
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Nataly Emanuely Pereira de Moura
Ana Carla Borges Amorim Azevedo
Doeslandia Kássia Pereira Cardoso
Tamires de Sousa Abreu

1 INTRODUÇÃO

Este texto objetiva socializar vivências de extensão do Projeto “Borboletando: em casa também se aprende!”, na cidade de Floriano (PI). Trata-se de um projeto de extensão que, em sua terceira versão, envolveu professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI) dos *Campi* de Teresina e de Floriano, arte-educadores, professores da rede municipal de Teresina e graduandos do Curso de Pedagogia na modalidade Ead e presencial da UFPI. O projeto constitui-se numa resposta às demandas reais de uma sociedade que, mesmo antes da pandemia da Covid-19, já se encontrava imersa numa rede de interações mediadas pelas tecnologias digitais, impelindo o ensino e a extensão, enquanto eixos da educação superior, a inovarem suas práticas.

É preciso ressaltar que o fato de estarmos imersos no universo da tecnologia, isso não garante um aproveitamento pedagógico da mesma. Assim, faz-se necessário reflexões acerca

¹ Texto originalmente apresentado na forma de poster no XII Seminário de Extensão e Cultura (SEMEX) como parte dos Seminários Integrados 2022 (SIUFPI).

das possibilidades educativas de tais tecnologias, bem como o suporte de teorias que balizem ações com esse propósito. Pautado nessa perspectiva, o Projeto Borboletando, apoia-se na Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel. Nessa teoria, entende-se por aprendizagem significativa “aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva com aquilo que o aprendiz já sabe” (Moreira, 2010, p. 2). Compreende-se, dessa forma, que o principal fator que influencia a aprendizagem são os conhecimentos prévios dos aprendizes, aquilo que eles já sabem.

Partindo desse pressuposto, o projeto se propôs a oferecer para o público infantil, através de vídeos, histórias já conhecidas, mas com novas roupagens. Pretende, assim, provocar a interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, agregando novos significados aos saberes dos quais as crianças já se apropriaram. Destaca-se entre os objetivos específicos do projeto, propor atividades pedagógicas usando materiais disponíveis, com ênfase no reaproveitamento de sucatas e no uso da música e de jogos em situação de aprendizagem.

No esteio dessas reflexões, Moran (2015), destaca como um componente-chave para a aprendizagem significativa a comunicação aberta, formada por múltiplas redes, semelhante ao contexto que ora presenciamos. Essa forma de comunicação permite não somente o acesso, mas a troca e recombinação de ideias, experiências e sínteses. Diante disso, o autor visualiza, como desafio da escola “capacitar o aluno a dar sentido às coisas, compreendê-las e contextualizá-las em uma visão mais integradora, ampla, ligada à sua vida”. (Moran, 2015, p. 37). Esse raciocínio estende-se, entre outras situações, ao uso das tecnologias digitais.

De maneira análoga, defende-se que a universidade, enquanto agência formadora, encampe esse desafio tanto com relação àqueles com os quais lida diretamente (os graduandos), quanto àqueles que pode atingir indiretamente (os alunos da educação básica). Nesse contexto, destaca-se o papel de vanguarda da extensão. De acordo Art. 2º da Resolução nº 35/2014 da UFPI, essa caracteriza-se como “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que

promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade” (UFPI, 2014). Assim, através de ações de extensão, a UFPI se aproxima das diversas instâncias sociais, compartilhando seus conhecimentos, saberes e técnicas desenvolvidas no seu interior.

Nesse sentido, o Projeto Borboletando buscou viabilizar os propósitos da extensão universitária, cujos procedimentos estão descritos a seguir.

2 METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido tendo como parâmetro a metodologia da pesquisa-ação. Esta constitui-se como estratégia para o “desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (Tripp, 2005, p. 445). Tal metodologia foi escolhida devido ao seu caráter cíclico, em que ocorre uma oscilação sistemática entre o agir no campo da prática e a investigação a respeito dela, permitindo que o processo se aprimore constantemente.

De uma forma geral a metodologia do projeto consiste na produção de vídeos de pequena duração, postado no *YouTube*², voltados inicialmente para a discussão da temática do COVID 19, utilizando-se da adaptação de histórias infantis. Acompanham os vídeos sequências didáticas, possibilitando a pais e professores uma exploração pedagógica do tema de cada história.

Em 2022, o projeto se estendeu para o *Campus Amílcar Ferreira Sobral* (CAFS) e com o final do isolamento social, foi possível acompanhar presencialmente o contato de professores e crianças com os vídeos do projeto. Nesse ano, houve também diversificação nos gêneros textuais, sendo adaptados para a linguagem tecnológica lendas e poemas.

O braço do Projeto no CAFS foi formado por uma professora efetiva e quatro alunas que cursavam Pedagogia, sendo duas do curso regular e duas do Programa Institucional de

² Canal Borboletando:
<<https://www.youtube.com/channel/UCSUuSGlgsDdnyCAAd1O4d3Mw>>

Fomento e Indução da Inovação da Formação Inicial e Continuada para Professores e Diretores Escolares (PRIL). Sendo, portanto, um projeto *intercampi* e que congregou alunos de diferentes modalidades. Cabe acrescentar que entre as alunas participantes, duas cursavam o VII Bloco do curso e duas estavam no I Bloco.

O Projeto foi desenvolvido de forma híbrida, estando todos os componentes conectados permanentemente através de grupos em aplicativo de *WhatsApp*, com participação via Plataforma *Meet*, havendo reuniões presenciais e intervenções em campo, que ocorreram na Creche Municipal “Eduardo Neiva”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A equipe do Projeto em Floriano desenvolveu atividades formativas, de planejamento, de elaboração e confecção de recursos, contato com os professores de escola municipal e de contação de história, seguido de avaliação posterior do andamento do projeto.

3.1 Aprendizagens operacionais no ambiente digital

Através da participação no grupo de aplicativo de mensagem, as alunas extensionistas acompanharam as rotinas de produção dos vídeos, desde as discussões sobre a escolha da temática, dos aspectos técnicos envolvidos, bem como dos aspectos legais envolvendo os direitos autorais e de uso de imagem.

No que diz respeito ao processo de fundamentação, ocorreram encontros *on-line*, cujo objetivo foi conhecer o projeto e suas bases teóricas, conforme pode-se conferir na imagem abaixo:

Foto 01: Reunião de formação

Fonte: acervo do Projeto, 2022.

Destaca-se nesse item o caráter pedagógico da ação, pois além de permitir a compreensão do projeto, possibilitou o emprego dos recursos tecnológicos (Plataforma *Meet*, *WhatsApp*, *Canva*) de forma racional, de forma a adequar o tempo e o espaço onde cada membro da equipe se encontrava, dando fluência ao projeto. Tal movimento torna significativa as aprendizagens do grupo (Moreira, 2010), uma vez que se ancora no contato cotidiano dos mesmos com as tecnologias de comunicação, mas estende esses saberes para outros contextos.

3.2. A escolha das lendas: conhecimento em movimento

Partindo dos conceitos relacionados à aprendizagem significativa, optou-se por trabalhar com as lendas que estavam dispostas no Canal do Projeto, uma vez que esse gênero textual é de conhecimento tanto dos monitores, como dos professores e alunos envolvidos no projeto, para a partir da estrutura cognitiva inicial dos envolvidos fossem agregados outros conhecimentos e atitudes. Convém lembrar que segundo Moran (2015, p. 32), nessas situações “o ensino é híbrido porque todos somos aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informação e de conhecimento”.

Nessa lógica, foram escolhidas duas lendas piauienses: Pippa, Lucca e a porca do dente de ouro, adaptada por Sandra

Ramos e a Lenda do Cabeça de Cuia, adaptada por Célia Revilândia. As lendas tratam de cuidados que as crianças devem ter ao conviver com pessoas fora de seu convívio, bem como visam desenvolver o amor e o respeito entre familiares.

Nessa etapa foi possível aos monitores extensionistas recordarem e reativarem seus conhecimentos sobre o gênero textual lendas, bem como recordar aspectos culturais do Piauí, e, ainda, vivenciarem a natureza de um projeto de extensão, que é aproximar a universidade da comunidade a qual está inserida.

3.3 Do espaço virtual para o real: interações e aprendizagens

Para Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), as mudanças provocadas pelas tecnologias digitais requerem novas metodologias de ensino e estas requerem novos suportes, da mesma maneira que requerem transformações no papel do professor e nas concepções de aprendizagem. Por outro lado, é importante aproveitar os saberes já constituídos para a partir deles se delinearem outros caminhos.

Com esse intuito, tendo em vista que um dos objetivos era de propor atividades pedagógicas usando materiais disponíveis, com ênfase no uso de material de sucata, a equipe optou por fazer uso de fantoches de palito para contar as histórias de forma presencial. Assim, foram construídos fantoches e o símbolos do projeto, aproveitando-se sobras de materiais e dando outros destinos a cartazes de propaganda. O resultado pode ser visto a seguir:

Foto 02: Recurso produzidos para as histórias: A porca do dente de ouro e a Lenda do Cabeça de Cuia



Fonte: Arquivos do Projeto Borboletando, 2022.

Considerou-se esta etapa a parte essencial do Projeto, pois ela, ao possibilitar as interações entre as extensionistas e a realidade concreta, permite não só concretizar os objetivos do Projeto, mas avaliar seus resultados e acompanhar *in locus* e em ato, os processos de construção de conhecimentos e de aprendizagem.

Vale lembrar que antes da apresentação presencial, o Projeto foi apresentado aos professores e estes relataram que haviam exibido, na forma de cineminha, as histórias para as crianças, conforme pode ser ver na foto abaixo:

Foto 03: Exibição virtual das histórias



Fonte: acervo do Projeto, 2022.

Foto 04: Contação presencial das mesmas histórias



Fonte: acervo do Projeto, 2022.

Esse contato prévio das crianças com os vídeos, através do Canal Borboletando, facilitou a interação delas com a atividade de contação presencial. Constatou-se o interesse e a curiosidade das crianças em conhecer os personagens, bem como o desenvolvimento da atenção e a concentração das mesmas na hora da contação. Observou-se também que os alunos compreenderam as mensagens contidas nas histórias, uma vez que eles, nas interações orais, não só falavam do enredo e dos personagens da história, mas davam exemplos de situações reais de suas vidas que tinham ligação com as histórias contadas.

Dessa forma, foi possível, à equipe do Projeto, ao promover atividades de caráter lúdico às crianças, compreender como as mensagens transmitidas pelas históricas transformaram em valores e atitudes que salvagam a infância e, ao mesmo tempo, inter cruzar tecnologias digitais com recursos físicos.

Isso vai de encontro ao que defendem Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015, p. 56), ao reforçarem que “o uso de tecnologias digitais no contexto escolar propicia diferentes possibilidades para trabalhos educacionais mais significativos para os seus participantes”, permitindo aos participantes do Projeto avaliarem o alcance de seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da situação de emergência ocasionada pela pandemia do COVID-19, a extensão universitária apresentou-se como uma das vias de interação direta com os alunos atendidos pela academia. Pelo fato de os projetos de extensão lidarem inicialmente com um número menor de alunos foi possível manter os grupos de extensionistas em contato permanente.

Esse contato mais direto com os alunos, possibilitou as aprendizagens no uso de ferramentas tecnológicas de comunicação, bem como desenvolver protocolos que visam estabelecer uso de tempos e espaços de interação virtuais e de etiquetas de comportamentos nesses ambientes.

Se a pandemia, por um lado, impossibilitou a realização de ações que só eram possíveis de forma presencial e coletiva, por outro lado, nos impeliu a criar formas alternativas de prestar serviços educativos e alcançar um público maior do que o esperado, mediante a interação por meio das redes sociais (*Instagram* e canal no *YouTube*). Além disso, as ações que foram realizadas possibilitaram desenvolver uma nova linguagem acadêmica, bem como desenvolveu habilidades não antes experimentadas por educadores, pesquisadores e educandos.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Marco Antônio. **O que é afinal aprendizagem significativa**. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. Aceito para publicação, *Qurrriculum*, La Laguna, Espanha, 2012 Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf> . Acesso em: 11 março 2020.

MORAN, José. Educação híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian.; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.) **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Editora Penso Ltda, 2015. E-Pub.

BACICH, Lilian.; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.) **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Editora Penso Ltda, 2015. E-Pub

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). **Resolução nº 35/14**. Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão UFPI. Aprova as diretrizes da política de Extensão da UFPI. Teresina: 2014. Disponível em <ufpi.br/resoluções> Acesso em 18 out. 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/81004715/pesquisa%20a%C3%A7%C3%A3o%20metodologia.pdf> Acesso em 29 out. 2017.



Papel da música no projeto “Borboletando... em casa também se aprende!”

Jennyane Vasconcelos Ramos de Moura Rufino
Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Deuselena Campos da Rocha
Raimunda Alcina Pereira da Silva

1 INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Borboletando: em casa também se aprende”, da Universidade Federal do Piauí (UFPI) surgiu, em 2020, a partir da necessidade de se oferecer um espaço lúdico de ensino, através de meios virtuais, durante a pandemia do coronavírus. Por meio de vídeo histórias animadas, disponíveis em Canal do *YouTube*, o Projeto visava, inicialmente, interagir com crianças pequenas, em sua própria linguagem, informando de maneira lúdica, sobre os perigos da COVID 19.

Considerando que a música encanta facilmente as crianças pequenas, desde as primeiras ações realizadas, o elemento musical também esteve presente. Isso se observa, por exemplo quando proposto, em cinco de novembro de 2020, o Vídeo Musical Borboletando, que explica em um vídeo animação, em forma de karaôquê, o título do Projeto.

O musical se chama “De lagarta a borboleta em tempos de pandemia”, com letra de autoria da coordenadora do projeto, professora Sandra Ramos e melodia de autoria da professora Jennyane Rufino, o vídeo musical proporciona a criança aprender a letra e cantar sobre a natureza do Projeto.

Explicando melhor, em sua versão inicial o Projeto funcionou somente de forma *on-line*, através de Canal do *YouTube*, onde eram disponibilizados contos infantis, familiares às crianças, adaptados, com inserção do personagem do coronavírus nas historinhas. Em sua versão atual, ainda fazemos uso da intermediação do Canal, contudo mesclamos atividades virtuais e presenciais.

Após o pico da pandemia, o Projeto teve continuidade, exatamente por conta de sua metodologia, que foi muito bem aceita pela comunidade, a ponto de o Canal atingir 1.170 (mil, cento e setenta) seguidores, usando vídeo histórias e historinhas cantadas de forma criativa e divertida.

Destaque-se aqui o fato de que a metodologia do Projeto permitiu que se utilizasse a internet de forma interativa, e não somente de forma mecânica e impessoal, uma vez que as crianças se identificavam com os desafios propostos e com os conflitos enfrentados pelos personagens das histórias, perspectiva que se manteve após a pandemia.

Em continuidade, nos anos seguintes (2021 a 2024), entre as atividades propostas no Projeto, utilizou-se, além da contação de histórias, a exploração de parlendas, poemas, textos em cordel, explorando a musicalidade das crianças. Nesse espaço, a música ganha um papel relevante, pois é notório que grande parte das crianças pequenas gostam muito de cantar. Cabe ressaltar que essas atividades já fazem parte do currículo das instituições de educação infantil (Brasil, 2018), o que facilitou a parceria do Projeto com escolas municipais de Teresina (PI), melhorando essa prática através das mídias digitais. A Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCC) estabelece seis direitos de aprendizagem. O quarto desses direitos é o de explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. Para tanto, estão previstas atividades em que as crianças explorem músicas e histórias, por exemplo.

Segundo Gardner (1980, p. 21) uma das inteligências humanas é a musical, que se define como “a capacidade de aprender, interpretar e diferenciar padrões, notas, timbres, melodias e ritmos.” Com base nessa premissa, fica mais fácil entender porque as brincadeiras com músicas são as que mais encantam as crianças, podendo ser usadas em benefício da aprendizagem de inúmeras habilidades relacionadas ao desenvolvimento infantil. Por esse motivo, o Projeto Borboletando introduz musicalização em parlendas, paródias, contos folclóricos, trazendo ritmo e movimento às atividades propostas.

Partindo das reflexões pontuadas até aqui, este texto tem por objetivo discutir sobre o papel da música no Projeto Borboletando, enfatizando as suas contribuições para o desenvolvimento infantil. Para atingir o objetivo proposto, recorreu-se aos vídeos e depoimentos postados no Canal, cujos conteúdos foram analisados à luz do levantamento teórico feito sobre o tema.

2 IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA A CRIANÇA: ASPECTOS TEÓRICOS

A atração humana pela música e pela maneira como essa estrutura é capaz de modificar e moldar os comportamentos motivou nossa pesquisa. Teólogos como Melo (2021) afirmam que a música foi criada por Deus e que o próprio diabo teria sido um grande músico, anjo de louvor, antes de se tornar um demônio. Segundo Mitidieri (2004), há pelo menos 35 mil anos o ser humano já inventou instrumentos musicais como forma de extensão da própria voz, como forma de lazer e distração.

Os primeiros instrumentos que se tem notícia eram flautas feitas de ossos, encontradas por arqueólogos em suas pesquisas. Pitágoras, o matemático grego, ainda no século VI a. C., já estudava como se dava a física acústica dos sons e estudava um meio de afinar instrumentos, tendo sido inventor da escala musical, aperfeiçoada no século X por Guido D’Arezzo. Ainda segundo Mitidieri (2004), o primeiro registro musical data do século VI, na China, feito pelo citarista Qiugong, de uma peça

chamada *Jieshi Diao Youlan*. Fica claro que os sons são fenômenos da natureza que impactam os seres humanos de tal maneira que não é recente o interesse em compreender o funcionamento de tais ondas organizadas e exatas de maneira a formar o que chamamos de música.

2.1 A influência da música nos comportamentos

Nos tempos atuais, a tecnologia tem contribuído para que a música se torne um tipo de entretenimento mais presente na vida dos seres humanos do que foi outrora. Plataformas como o *Deezer*, *Spotify*, *Kboing* ou *YouTube*, para quem gosta apenas de ouvir, tem a facilidade de escolha dos ritmos favoritos nas pontas dos dedos. Já os aplicativos que também servem como rede social, como *Kwai*, *Vimeo*, *Snapchat* ou *TikTok*, onde o usuário produz vídeos curtos, trazem como tendência principal os passos de dança ritmados e ensaiados em cima das músicas (ou de trechos) que estão *viralizadas* no momento. Mas a música não é tema apenas do entretenimento atual: ela é pauta de estudos acadêmicos de neurologistas, professores, fonoaudiólogos e outros profissionais que atuam diretamente com o comportamento humano.

Gasparini (2003) explica como a audição humana percebe os estímulos sonoros, ou seja, os sons: eles são convertidos em impulsos que percorrem os nervos auditivos até o tálamo (local do cérebro que é o centro das emoções, sensações e sentimentos). Esses impulsos cerebrais provocados pela música afetam todo o corpo e podem ser detectados por técnicas de escaneamento cerebral ou neuroimagem.

Para que fique mais claro, vamos explicar através de Santos e Russo (2005) como a audição se processa em nosso corpo. O ouvido se divide em ouvido externo, médio e interno. Fisiologicamente, quando ouvimos um som, nosso ouvido externo capta, transfere e conduz a onda de pressão sonora (ou energia sonora) pelo canal auditivo em direção à membrana timpânica, que vibra. Já no ouvido médio, essa vibração vai até os ossículos do ouvido (martelo, bigorna e estribo), que se movimentam mecanicamente com a passagem da onda por eles, conduzindo essa onda ao meio líquido do ouvido interno, criando

pressão sobre o fluido lá dentro. Além disso, na cóclea existem células ciliadas, os receptores sensoriais que geram estímulos elétricos através de sequências de descargas nervosas para o nervo auditivo. O nervo é responsável por transmitir ao cérebro, precisamente ao córtex auditivo, a tradução dessas ondas. O cérebro identifica o som.

Estudos realizados no Instituto de Fisiologia da Música e da Medicina da Arte, em Hannover na Alemanha, demonstram que o lado esquerdo do cérebro processa os elementos básicos (intervalos musicais, ritmos, etc.). Já o lado direito reconhece características como métrica e contorno melódico. O córtex auditivo primário é amplamente influenciado pela experiência. Isso significa que, quanto maior for a experiência, maior é o número de células que vão ser estimuladas e reativas a sons e tons musicais importantes, o que define a plasticidade neural.

Carter (2009) afirma que a capacidade da música influenciar o estado emocional do indivíduo é devido ao fato da produção de reações fisiológicas que dependem do conteúdo emocional, o que significa que a percepção musical envolve muitas variáveis, muitas áreas encefálicas e é capaz de influenciar o corpo todo através das reações emocionais e fisiológicas.

Ou seja, a música é uma forma de comunicação. Através dela, o ser humano pode expressar com maior facilidade os seus pensamentos, desejos, sentimentos, especialmente quando vem acompanhada de uma letra que traduz, no conjunto da obra, aquilo que o ouvinte pode ou deve pensar a respeito de uma linha melódica. Ela tem sido usada há séculos como um modo de comunicação travestido de arte, que revela em seus versos as mais variadas tramas. Por exemplo, no Brasil, o ritmo *funke* (carioca) traz, na maioria de suas letras, a visão das ruas e favelas sobre as relações líquidas. As pessoas que ouvem esse tipo de música, geralmente, se identificam com os pensamentos que estão sendo expressos ali, mas já se percebe que, pessoas que não concordam com o que é cantado nas letras e que passam a ouvir o que elas expressam, passam a agir conforme o que é dito. Como se o cérebro captasse, em seu subconsciente, aquelas afirmações como verdadeiras. Considerando tal influência, a escolha das músicas

para a educação infantil deve respeitar a faixa etária e a maturidade das crianças.

Segundo Muszkat (2012), a música atua de maneira mais profunda do que as demais artes. Sua representação neuropsicológica é extensa, pois tem implicações na afetividade, no controle de impulsos, das emoções e da motivação. Também estimula a memória não verbal nas áreas associativas secundárias que permitem um acesso direto ao sistema de percepções integradas, que são ligadas às áreas que unificam as várias sensações, além da audição propriamente dita, como o paladar, o tato, o olfato e a visão. Essa área de unificação integra todas essas impressões sensoriais ao mesmo tempo, de modo que podemos dizer que lembramos um gosto, cheiro ou um ambiente, sensação, sentimento, apenas por ouvir determinada música. Isso é chamado de função cerebral e exige algumas operações mentais para a formação de um complexo de interpretação da música.

É devido a esta característica, já considerada como fato científico, comprovada através de exames e testes realizados ao longo dos anos por pesquisadores diversos, que podemos dizer que a música pode ser usada de modo a moldar comportamentos. Como Maria Montessori, por exemplo, uma educadora que, segundo Nicolau (1997), preocupou-se muito com o desenvolvimento da discriminação auditiva e do ritmo postulando a livre expressão da criança. Com o intuito de facilitar os processos educativos, ela preparou materiais voltados especialmente para o reconhecimento dos sons, sua altura, intensidade, timbre e duração.

De acordo com o Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI)(Brasil, 1998), apesar das formas de organização social e do papel da música nas sociedades modernas terem mudado, ela sempre teve um caráter ritual. Isso ainda permanece atualmente, pois aprendemos por imitação e por ouvido, onde a intuição, o conhecimento prático e a transmissão oral se mesclam. Quando trazemos isso ao universo escolar podemos traduzir no contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical, desde os primeiros anos de vida, como um importante ponto de partida para o processo de musicalização, estratégia utilizada no Projeto.

3 BORBOLETANDO E MUSICALIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO

As práticas do Projeto Borboletando demonstraram que o mesmo se utilizou da música de forma inovadora. Ao recorrer a paródias, musicalização de versos e literatura de cordel, entre outras atividades, as crianças puderam vivenciar o caráter multimodal da música, que de forma lúdica insere-as no universo das historinhas.

Como exemplo do que destacamos, temos as músicas usadas no vídeo do Casamento da D. Baratinha, disponibilizado no período de isolamento social imposto pela pandemia e no vídeo intitulado Pippa, Lucca e a Porca do dente de Ouro, disponibilizado no período pós-pandêmico.

Foto 01 - Casamento da D. Baratinha



Fonte: Canal do YouTube do Projeto Borboletando, 2024.

“Quem quer casar com a senhora baratinha,/ que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha. / Aquele com ela se casar / terá doce todo dia, /no almoço e no jantar.

Fonte: música de domínio público.

A música no contexto da historinha traz leveza e oferece informação relevante sobre a personagem principal da história. O sentimento de expectativa gerado sobre quem vai casar com a D. Baratinha demonstra, como aponta, Carter (2009), a capacidade da música influenciar o estado emocional da criança. Além disso, o ritmo e compasso da melodia provocam respostas cognitivas e psicomotoras importantes.

O segundo exemplo refere-se ao vídeo da Porca do dente de Ouro, conforme imagem que se segue:

Foto 02 - Pippa, Lucca e a Porca do Dente de Ouro



Fonte: Livro Pippa, Lucca e a Porca do Dente de Ouro, 2022.

A lenda sugere a ocorrência de festas com músicas nordestinas – o forró. Ao recontar a história, a inserção desse gênero musical conhecido pelas crianças locais, traz sentido e significado ao evento festivo descrito no livro Pippa, Lucca e a Porca do Dente de Ouro.

Nesse caso, a música aparece associada a dança, o que segundo Carter (2009) produz reações fisiológicas que dependem do conteúdo emocional, o que significa que a percepção musical

provoca movimentos corporais involuntários. Isso se comprova quando ouvimos um forró e, sem perceber, batemos o pé no ritmo da zabumba e balançamos as “cadeiras” no ritmo da sanfona.

As professoras extensionistas destacaram outras percepções, o aspecto lúdico e os aspectos formativos no âmbito das práticas educativas, quando afirmam que:

Ver a alegria nos olhos das crianças e saber que elas aprenderam e que o projeto, inicialmente focado apenas em vídeos para internet, ultrapassou as telas e pode ser realizado e aceito pessoalmente pelo público. Enquanto estagiária, o aprendizado no projeto agregou grande valor à formação, afinal, ela também ensina canto aos jovens alunos. Incorporar a música no ensino vai além do aprendizado, da mesma forma que saber cantar (Raimunda Alcina Pereira da Silva, 2024).

Como educadora do Maternal I - Tempo Integral, procuro usar sempre a música nas minhas aulas, pois através da música observo que eles aprendem e se divertem enquanto cantam. A música transforma a sala de aula em um ambiente alegre e divertido fazendo com que as aulas se tornem mais prazerosas (Deuselena Campos da Rocha, 2024).

As falas das professoras extensionistas também corroboram com Muszkat (2012), quando este destaca a representação neuropsicológica da música e suas implicações nas emoções e na motivação para aprender.

Ademais, a professora Raimunda Alcina destaca que sua experiência no projeto Borboletando foi enriquecedora, pois a forma como os contos populares foram abordados e interpretados foi algo singular. Para ela, contar uma história através de um simples toque de violão gera uma repercussão enorme, as crianças começam a cantar juntas mesmo não conhecendo as histórias, pois esse é o poder da musicalidade – ela é envolvente, como se vê no registro fotográfico da atividade

presencial ocorrida no bairro Mafrense (Teresina/PI) numa escola que atende crianças venezuelanas:

Fotos 03 e 04 – Prática no Bairro Mafrense



Fonte: Acervo do Projeto Borboletando, 2024.

Como se pode observar no registro, as crianças se beneficiam significativamente da música, ouvindo, repetindo e cantando, utilizando-se da música como forma de comunicação e expressão corporal, cultural e socioemocional.

À GUISA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, constata-se a importância da música no projeto “Borboletando: Em casa também se aprende”, pois além de entreter as crianças com histórias cantadas de forma lúdica, o Projeto promove o desenvolvimento de diferentes habilidades, relacionadas à capacidade de ensinar e aprender. Entre elas podemos destacar: atenção, ritmo, memória e comunicação.

Seu uso em sala de aula, quando orientado didaticamente poderá desenvolver, também, mudanças atitudinais como por exemplo: a valorização das diversas culturas, o respeito a diferentes ritmos regionais e a incorporação de condutas que levem a um melhor convívio social e ao desenvolvimento de uma cultura de paz.

A experiência do Projeto reforça a relevância do cuidado no processo de seleção das músicas a serem trabalhadas, tendo em vista o grau de maturidade emocional das crianças, sob pena de, quando não se leva em conta essa seleção, incorreremos numa agressão à infância e aos objetivos da educação.

Do ponto de vista da formação das professoras extensionistas, observou-se que a forma como as atividades são apresentadas e orientadas didaticamente, promovem uma reflexão sobre o papel da música no cotidiano da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2018.

BENNEWORTH, P. et al. The relationship of community engagement with universities’ core missions. In: BENNEWORTH, P. (Ed.). **University engagement with socially excluded communities.** Enschede: Springer, 2013. p. 85-101. <https://doi.org/10.1007/978-94-007-4875-0>.

CARTER, Rita. **The Human Brain Book.** 1. ed. New York, USA: ISBN, 2009.

GASPARINI, G. Musicoterapia usa identidade musical para ativar cérebro. **Revista Equilíbrio e Saúde**, 2003.

MELO, Elton. **O caminho do Crescimento espiritual: 7** passos transformadores para viver a maturidade espiritual na sua plenitude. Alcance Vitória, 1ª ed. 2021.

MITIDIERI, Ricardo Athaide. **Nos confins do estético: o** sentido ético-existencial da música autônoma segundo Boulez. Letras (UFSM) , v. 28/29, p. 93-99, 2004.

MUSZKAT, Mauro. **Música, Neurociência e Desenvolvimento Humano**. Ministério da Cultura e Vale: A Música na Escola. São Paulo, 2012.

NICOLAU, Maria Lucia Machado. **A Educação artística da criança**. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, T; RUSSO, I. **A prática da audiologia clínica**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Educação, Volume 28 - Edição 128/NOV 2023

SUMÁRIO / 27/11/2023

<https://revistaft.com.br/musica-na-formacao-da-crianca-na-educacao-infantil/>



“Borboletando... em casa também se aprende!”: em busca de incluir a todos

Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Leila Maria Sores Paz Santos

INTRODUÇÃO

Na atualidade, quando se fala de inclusão, o tema tem sido apresentado como uma ação urgente e emergente no âmbito educacional. Não se pode falar em inclusão social sem se destacar a importância de garantir acessibilidade e oportunidades de aprendizagem significativa a todos, indistintamente. Logo, a inclusão escolar exige uma mudança de visão de mundo, em que cada pessoa deve ser considerada em suas individualidades e possibilidades de aprendizagem.

Nesse contexto, torna-se importante destacar a importância das vivências de inclusão educacional promovidas pelo Projeto de Extensão “Borboletando... em casa também se aprende!”, desenvolvido pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), que desde suas primeiras ações demonstra preocupação com o público atendido pela educação especial.

Este texto tem como objetivo destacar, a partir da reflexão sobre o papel e importância da capilarização, característica da extensão universitária, a contribuição do Projeto para ações de inclusão educacional de crianças com deficiências e transtornos de desenvolvimento.

Para tanto, recorreu-se a uma discussão teórica sobre a natureza da extensão como uma via de acessibilidade a todos e

depoimentos de professoras da rede municipal de ensino de Teresina (PI), com destaque às professoras de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Acrescenta-se que, a prática a que se refere esse texto ocorreu na Escola Municipal Ministro Ruben Ludwig, no Bairro Pedra Mole (Teresina/PI), envolvendo turmas de 1º ano do ensino fundamental, em AEE.

PROJETOS DE EXTENSÃO: DEFINIÇÃO E CONTRIBUIÇÕES

Projetos de Extensão são aqueles que envolvem ações que vão além da sala de aula, promovendo a interação entre a instituição de ensino superior e a comunidade. Entretanto, como advertem Manchur, Suriani e Cunha (2013, p. 336) “Ao desenvolver a extensão universitária, esta não deve estar alheia aos trabalhos de pesquisa e ensino, os quais formam os primeiros pilares da universidade”.

Sobre isso, Nogueira (2000, p. 11) acrescenta que a extensão deve ser considerada “[...] como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”. Entretanto,

A confirmação da extensão como função acadêmica da universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento. (Jazine, 2004, p. 4).

Ou seja, a participação dos alunos de Licenciaturas, em Projetos de Extensão, traz grandes contribuições para sua formação profissional. Os projetos de Extensão proporcionam a prática do que foi ensinado, tendo como público alvo a

comunidade. Teóricos da área concordam com esse pensamento quando afirmam que:

Para os cursos de licenciatura, a extensão favorece o contato direto para o desenvolvimento da prática docente, que possibilita o desenvolvimento de metodologias de ensino que potencializam a sua formação acadêmica (Manchur, Suriani e Cunha, 2013, p. 335).

Os autores ainda acrescentam que a extensão universitária complementa a formação acadêmica, integrando teoria e prática, possibilitando a troca de saberes entre ambos, através da comunicação com a sociedade. Através dessa ação acontece a socialização e construção de novos conhecimentos (*Idem, ibidem*).

Nesse sentido, ao propiciar aos professores em formação a experiência de aplicação dos conteúdos aprendidos em sala de aula, na prática, o projeto de extensão tem um peso valioso na formação do estudante. Através da extensão universitária, os alunos das licenciaturas têm contato com diferentes tipos de comunidades e realidades sociais, o que estimula seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Do ponto de vista do envolvimento e alcance social, os cursos de extensão universitária atuam na integração entre: Universidade e comunidade, através da identificação de demandas e problemas que atingem a comunidade; Universidade e empresas locais, através de parcerias em projeto de colaboração tanto para atender a demandas dos setores produtivos como para viabilizar práticas que necessitem do apoio empresarial; Universidade e meio ambiente, através do planejamento de ações voltadas para a educação ambiental e Universidade, cultura e esportes, através do planejamento e execução de ações e manifestações artísticas e práticas esportivas (Benneworth, 2013).

Nesse sentido, as vivências nos projetos de extensão, desenvolvem no aluno sua empatia, ou seja, sua capacidade de se colocar no lugar do outro, o que se reflete numa formação mais

sensível aos problemas sociais e mais comprometida com a resolução de demandas importantes. Assim podemos dizer que

[...] a extensão possibilita a formação do profissional cidadão, como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes, como prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população (Scheidemantel; Klein; Teixeira, 2004, p. 1).

Para esses autores, a extensão universitária pode e deve impulsionar a pesquisa e propiciar a educação. Concordamos com esse pensamento, pois durante a prática de ações extensionistas, devido à proximidade do aluno com as dificuldades enfrentadas pelas comunidades, emergem inúmeros problemas de pesquisa, cuja importância tem relação direta com a realidade cotidiana. Conseqüentemente, projetos de extensão também têm um caráter educativo extremamente importante, pois através de práticas intervencionistas e campanhas educativas, tais projetos contribuem para o ensino e aprendizagem da comunidade. Nessa perspectiva, a extensão universitária deve:

[...] constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (Jazine, 2004, p. 2).

É no contexto dessa discussão que fica destacada a importância do Projeto “Borboletando... em casa também se aprende!”. Trata-se de um projeto de extensão da Universidade Federal do Piauí que surgiu em 2020 e já funciona em sua quarta edição. O mesmo foi elaborado para atender a uma demanda urgente da comunidade escolar que diante da pandemia gerada

pela COVID 19, viveu a realidade de escolas fechadas e o confinamento das crianças e dos professores em suas casas.

Pegos de surpresa, de repente o mundo inteiro estava enfrentando uma situação de calamidade pública, um risco real que gerou inúmeras mortes em um curto espaço de tempo. No âmbito da educação, o ensino remoto ganha protagonismo e alunos e professores têm que, rapidamente, se adaptar ao uso de dispositivos eletrônicos. Os educadores são pressionados a planejar aulas *on-line* ou gravadas que deveriam chegar aos alunos pela internet, de modo que esses alunos não tivessem prejuízo acadêmico.

Pensando nessa criança confinada em casa, o projeto Borboletando apresenta uma alternativa de aulas lúdicas a partir da contação de histórias e de vídeoanimação. O nome do projeto se inspira na evolução da borboleta, que antes era uma lagarta, que embora brincasse livremente no jardim, passa por uma metamorfose que, primeiramente a prende num casulo, para depois presentear-lá com um par de asas que se traduzem em liberdade e alegria.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO “BORBOLETANDO... EM CASA TAMBÉM SE APRENDE!” PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

A pedido da própria comunidade, o Projeto Borboletando estabeleceu diálogos com diversas representações da sociedade, entre elas a Secretaria Municipal de Teresina (SEMEC). Neste caso, em especial, voltou-se ao público da Educação Especial, procurando atender aos seus objetivos e demandas.

Com essa finalidade, o projeto Borboletando disponibilizou histórias, contos através de vídeos no *YouTube*, seguidas de orientações didáticas, explorando assim a ludicidade, arte e música. Essas características chamaram atenção das professoras de AEE da Escola em que foi realizada a prática do Projeto, promovendo maior engajamento das mesmas nas ações realizadas.

O engajamento das professoras de AEE relaciona-se ao fato do Projeto procurar sempre ouvir a comunidade escolar, levando os extensionistas a uma práxis comprometida com a inclusão educacional. A partir dos documentos oficiais, observamos a expectativa de que ações que envolvam a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, levem à construção de conhecimentos em várias áreas. Isso não é diferente quando se pensa em educação especial. Essa percepção revela-se no depoimento de uma das professoras de AEE da escola:

As competências a serem atingidas estão predefinidas pelos RCNEI's em consonância com as diretrizes do projeto, que estipulam nas expectativas de aprendizagem as questões de identidade e autonomia, movimento, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, matemática e música (Leila Santos, 2023).

Desse modo, no tocante à educação especial, na concepção da professora, o projeto trouxe a oportunidade de explorar temas relevantes a partir de conteúdos trabalhados na sala regular que, de fato, despertassem o interesse das crianças com deficiência. Isso se concretizou a partir do uso da ludicidade, criatividade e das dinâmicas oferecidas pelo Projeto e que proporcionavam interação e envolvimento com toda a equipe da escola.

Dentro dessa lógica, a descrição das ações realizadas torna-se necessária para que se possa destacar seus impactos no cotidiano das professoras. Seguem-se os procedimentos realizados nessa escola:

1. Levantamento das necessidades das turmas e escolha do tema a ser trabalhado;
2. Planejamento das estratégias e recursos para exploração do tema selecionado (folclore);
3. Participação de encontros *on-line* com a equipe do projeto; e
4. Definição do cronograma de ações.

Em média, o projeto teve uma duração de três meses. Nesse período as crianças ouviram a histórias, músicas, poesias

sobre o tema proposto, também participaram de atividades coletivas, lúdicas, brincadeiras cantadas e de roda, atividades de arte, escrita, de com e reconto dos contos do nosso folclore tradicional brasileiro. Acompanharam ainda os vídeos produzidos pelo Canal do *YouTube*, se divertindo e se encantando com as historinhas. A professora de AEE descreve a culminância desse projeto da seguinte maneira:

A culminância do projeto foi realizada na quadra da escola, onde as crianças fizeram apresentações de danças folclóricas regionais(o cabeça de cuia) adaptada pelo Projeto Borboletando, e apresentação de contos folclóricos a exemplo da Porca do dente de ouro. Contamos com a participação da coordenadora do Projeto, professora doutora Sandra Ramos, alguns acadêmicos de cursos de pedagogia do PRIL/UFPI e demais participantes, assim como equipe da escola. Participaram ativamente do projeto uma professora de AEE e uma professora da sala regular nas turmas do 1ºano nos turnos manhã e tarde (Leila Santos, 2023)

Vê-se no depoimento da professora a capacidade que o Projeto tem de agregar diferentes segmentos da comunidade acadêmica, de modo a viabilizar práticas educativas inclusivas, demonstrando o efetivo cumprimento das funções da extensão universitária. A foto que se segue, mostra uma criança com Síndrome de Down totalmente envolvida pela atividade proposta.

Foto 01 – Prática do Projeto Borboletando na E. M. Ruben Ludwig, 2023³.



Fonte: Acervo do Projeto Borboletando, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido neste texto, constata-se que as experiências vivenciadas no projeto proporcionaram condições de aprimoramento das práticas cotidianas realizadas com os alunos de modo mais consciente e crítico, além do trabalho coletivo. Apesar dos desafios o projeto fez e faz a diferença para a comunidade envolvida.

Dessa forma, o Projeto demonstrou ser possível realizar um processo de inclusão escolar que acolhe e considera a necessidade do aluno com deficiência. A prática evidenciou também o caráter axiológico do Projeto quando se preocupou em provocar mudanças de atitudes entre os alunos que acolheram a todos nas atividades, sem discriminação, motivando a participação das crianças com limitações funcionais.

³ A exposição da imagem das crianças na foto foi feita com a expressa autorização dos responsáveis.

Ao colocar em prática ações de respeito a todos, exercitou-se a empatia, destacando o mais importante: a diversidade deve ser tratada como uma qualidade inerente ao homem, logo não deve nos segregar, e, sim provocar uma maior aproximação entre as pessoas.

Portanto, o Projeto Borboletando, no âmbito de sua natureza extensionista, alcançou a capilarização esperada, atendendo à comunidade em suas expectativas e levando os envolvidos a realização de práticas mais inclusivas. Além disso, contribuiu para a produção de conhecimento científico sobre a temática em questão, na medida em que as professoras extensionistas tiveram que sistematizar suas reflexões e vivências com o rigor científico exigido pela academia.

REFERÊNCIAS

JEZINE, E. As práticas Curriculares e a Extensão Universitária. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004. Disponível em: www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf. Acesso em: 16 jun. 2013.

MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; CUNHA, Márcia Cristina da

NOGUEIRA, M. das D. P. (Org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.



Sobre os autores

Irlaine Cutrim Helal Cavalcante

*Graduada em Administração e Pedagoga

*Mestre em Metodologias para o Ensino e suas tecnologias (UNOPAR)

*Mba em Marketing e vendas, Docência do Ensino Superior e Orientação e Supervisão Escolar

*Coordenadora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comércio Exterior, Gestão Financeira, Recursos Humanos (Presencial e EaD), Relações Públicas, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Gestão Hospitalar, Empreendedorismo e Serviço Social na Universidade Católica de Brasília

*Coordenadora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis na Faculdade Anhanguera de Brasília

E-mail: prof.irlaine@gmail.com

Jennyane Vasconcelos Ramos de Moura Rufino

*Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

*Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Supervisão

*Especialista em Intervenção ABA aplicada ao Transtorno de Espectro Autista (TEA) e em Fonoaudiologia Neurofuncional

*Pós-graduada em Audiologia Clínica

*Graduada em Fonoaudiologia e Pedagogia

*Atua como fonoaudióloga na Clínica

E-mail:

Leila Maria Sores Paz Santos

*Pedagoga

*Especialista em Neuropsicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado (AEE Libras).

*Possui certificação nos seguintes Cursos de Extensao: Autismo e D.I; Baixa visão/Cegueira; Recursos terapêuticos; Adaptação de recursos: Mobilidade/Acessibilidade; A.T.; Tas; Mediação Escolar; AH/SD; Ambientação Escolar; AEE(UFPI); Desenho universal; Libras (Basico 1 e 2); Libras(Intermediário e Avançado); Leitura e alfabetização para crianças com TEA; VBMAP e PECs.

Marilde Chaves dos Santos

*Doutora em Educação pelo DINTER UFRJ/UFPI

*Mestre em Educação pela UFPI

*Licenciada em Pedagogia

*Especialista em Psicologia Educacional e em Supervisão Escolar

*Professora da Universidade Federal do Piauí, no Campus Amílcar Ferreira Sobral, no município de Floriano (PI)

E-mail:

Sandra Lima de Vasconcelos Ramos

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí

*Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional

*Mestrado e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí

*Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: sandraramos@ufpi.edu.br

Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira

*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com doutorado Sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL)

*Mestre em Educação pela UFPI

*Pós-graduada em Políticas Públicas e em Marketing pela UFPI.

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

*Professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Pablo Henricky Moura Rufino

*Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí

ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA/PRIL/TERESINA/UFPI

Carla Daniele da Silva Fiusa

Claudiane Rodrigues

Deuselena Campos

Eliane Mota da Silva

Evânia Silva

Francisca Cibele da Silva Gomes

Francisca Suilane Oliveira

Joziane Gomes

Mariane Feitosa de Oliveira Sousa

Nádia Conceição

Raelma dos Santos Silva

Raimunda Alcina

Regiswânia Seillane Rodrigues de Sousa

Wanderlea de Sousa Pinto Silva

Yara de Oliveira Fernandes



Agradecimentos

"Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração." Salmos 100:5

Em primeiro lugar precisamos agradecer ao nosso Deus, que tornou possível a elaboração desta obra.

O fato é que todos os participantes envolvidos no Projeto Borboletando... em casa também se aprende! – professores, alunos e membros da comunidade -, dedicaram-se a realização das atividades propostas e puderam socializar suas experiências extensionistas e reflexões críticas, dando a este livro o caráter de produção científica.

Desse modo, os agradecimentos seguem “borboletando” entre as várias flores do jardim perfumado e colorido que constitui esse Projeto.

Toda nossa gratidão ao Centro de Educação Aberta e a Distância, da Universidade Federal do Piauí, na pessoa da diretora Livia Fernanda Nery da Silva, que não poupou esforços para a realização de cada uma das propostas constantes no Projeto, assim como às equipes técnicas e administrativas do CEAD.

Nossa gratidão a cada um dos alunos do PRIL de Pedagogia da UFPI que se engajaram na proposta ousada do Borboletando, participando sempre com toda dedicação e responsabilidade.

Nossa eterna gratidão aos professores especialistas, mestres e doutores que, de forma voluntária, contribuíram com

seu conhecimento e notório saber para abrilhantar ainda mais nossas ações.

E finalmente, nossa gratidão às Escolas Municipais e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) que abriram suas portas para as práticas do Borboletando.

Recebam todos o nosso carinhoso abraço,

Sandra Lima de Vasconcelos Ramos
Coordenadora do Projeto Borboletando

Borboletando



Xilogravura de Yolanda Carvalho feita especialmente para o Projeto de Extensão “Borboletando... em casa também se aprende!” (Novembro, 2020).

Yolanda Carvalho é professora da UFPI, artista plástica, gravadora e ilustradora, maior nome da xilogravura no Piauí. Estudou Artes Plásticas na Fundação Brasileira de Teatro, Faculdade de Artes Dulcina, Brasília (DF). É graduada em Educação Artística e Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pós-graduada em Preservação da Arte Rupestre, Núcleo de Antropologia da Pré-História, da Universidade Federal do Piauí. Se dedica há mais de 30 anos a arte da xilogravura.

